

UNIVERSIDADE DE VILA VELHA - ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA

**CONVIVÊNCIAS, SUJEITOS E VIOLÊNCIAS NOS COTIDIANOS
ESCOLARES**

PABLO RAMOS LARANJA

VILA VELHA
MAIO / 2020

UNIVERSIDADE DE VILA VELHA - ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA

**CONVIVÊNCIAS, SUJEITOS E VIOLÊNCIAS NOS COTIDIANOS
ESCOLARES**

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, para a obtenção do grau de Mestre em Segurança Pública.

PABLO RAMOS LARANJA

VILA VELHA
MAIO / 2020

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

L318c Laranja, Pablo Ramos
Conveniências, sujeitos e violências nos cotidianos
escolares / Pablo Ramos Laranja. – 2020.
57 f.; il.

Orientadora: Maria Riziane Costa Prates.

Dissertação (Mestrado em Segurança Pública) -
Universidade Vila Velha, 2020.
Inclui bibliografias.

1. Segurança pública. 2. Violência na escola – Avaliação.
3. Educação de crianças. 4. Professores e aluno – Aspectos
sociais. I. Prates, Maria Riziane Costa. II. Universidade Vila
Velha. III. Título.

CDD 362.76


PABLO RAMOS LARANJA

**CONVIVÊNCIAS, SUJEITOS E VIOLÊNCIAS NOS COTIDIANOS
ESCOLARES**


Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, para a obtenção do grau de Mestre em Segurança Pública.

Aprovado em 14 de maio de 2020,

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Pablo Silva Lira (UVV)



Prof. Dr. Jair Ronchi Filho (UFES)

Prof. Dr. Humberto Ribeiro Júnior (UVV)

11/6

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, jamais poderia deixar de agradecer a Deus, minha família e amigos que sempre estiveram ao meu lado nesse imenso desafio que é a conclusão da graduação do Mestrado em Segurança Pública.

Durante muito tempo, meus familiares e amigos tiveram que conviver comigo de uma forma diferente, aguentando meu mau humor, minhas angústias e frustrações sempre que me encontrava perdido e desanimado.

Fora justamente meus amigos e familiares e principalmente também minha orientadora Riziane que sempre tentavam me acalmar, me animar e me colocar para a frente, jamais me deixando desistir, mesmo quando inúmeras vezes cheguei a pensar nisso.

Dessa forma, não posso aqui finalizar, sem citar e agradecer aos meus pais guerreiros, Angélica do Nascimento Ramos e Antônio Laranja Neto. Agradecendo ainda a minhas irmãs Paolla Ramos Laranja Pascoal e Lara Laranja Silva que viviam tendo que me socorrer nas madrugadas quando eu me perdia. Aos amigos? Certamente não poderiam ficar de fora, como minhas melhores amigas Anadir Astori, Rayna Silves Hollanda, ao meu amigo e parceiro, André Evaristo e certamente a minha namorada Rayula Belinazzi.

A todos vocês eu faço meus agradecimentos e tenham uma única certeza: Sem vocês, eu jamais teria conseguido chegar ao final do curso.

A minha orientadora Riziane Prates, agradeço muito ao coordenador do curso por indica-la para ser minha orientadora. Certamente a senhora é a melhor orientadora que um orientado deseja. Sempre animada, criativa, com uma paciência tremenda. A senhora tem o dom de ensinar o que sabe e compartilhar seus ensinamentos. Tenho muita fé que a senhora estará 100% novamente em breve e assim, continuar com esse desafio tremendo, porém, gratificante que é a arte de ensinar e orientar. Obrigado a todos.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	i
LISTA DE TABELAS	ii
LISTA DE GRÁFICOS	iii
LISTA DE FLUXOGRAMAS	iv
LISTA DE FIGURAS	v
RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
Introdução	1
1 Multidimensionalidade das coisas: escolas e violências na contemporaneidade	7
1.1 Escola: o que é?	7
1.2 Violência: o que é?	9
1.2.1 Tipos e naturezas da violência	11
1.3 Levantamento da produção acadêmica sobre os temas “violência escolar”, “violência e escola” e “violência na escola”	16
1.4 Violências escolares e suas faces	21
2 lei nº 13.185/2015 e pense: o bullying e sua relação com a violência escolar	28
2.1 Bullying: o que é?	28
2.2 O Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying) e a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (2009 a 2015)	30
2.2.1 A Lei nº 13.185/2015	30
2.2.2 A pesquisa	32
2.3 De Columbine (EUA) a Suzano (Brasil): reflexo do bullying	39
3 Resultados e discussões: convivências, sujeitos e violências nos cotidianos escolares	43
3.1 Pesquisa com os cotidianos	43
3.2 Relatos de campo	45
3.3 Plano de ação: “Em um mundo melhor”	50
Conclusão	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Tipos, subtipos e consequências das violências	12
Quadro 2	Violências e suas naturezas	13
Quadro 3	Informações do filme Em um mundo melhor. 2010	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Busca na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e Catálogo de Teses e Dissertações, 2015-2018	17
Tabela 2	Busca em Scientific Electronic Library Online e Periódicos Eletrônicos de Psicologia	19
Tabela 3	Bullying entre alunos do 9º ano Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2009, 2012 e 2015	32
Tabela 4	Frequência de sofrer bullying em escolares do 9º ano, Brasil, grandes regiões e Estados Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2015	36

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Frequência de alunos do 9º ano que trataram bem e/ou foram prestativos aos colegas Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2015	34
Gráfico 2	Frequência de alunos do 9º ano que se sentiram humilhados ou sofreram bullying Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2015	35

LISTA DE FLUXOGRAMAS

Fluxograma 1 Tipos e naturezas da violência

15

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Taxas de homicídio a cada 100 habitantes Mundial, 2012	10
Figura 2	Metade das crianças e adolescentes se sente inseguras nas escolas	22
Figura 3	MG registra 10,6 mil casos de violência em escolas	23
Figura 4	Violência nas escolas: dados mais relevantes	24
Figura 5	Eric Harris e Dylan Klebold armados no refeitório da Columbine High School	38
Figura 6	Massacre de Realengo, RJ, deixou 12 mortos em 2011	39
Figura 7	Anjos da Paz, estátuas em homenagem às vítimas do massacre de Realengo (RJ)	40
Figura 8	Mobilização em torno da escola de Suzano após o atentado que matou cinco estudantes e duas funcionárias	41
Figura 9	Fachada da Escola Raul Brasil tem cores novas após massacre	41

RESUMO

LARANJA, Pablo Ramos, M.Sc., Universidade Vila Velha - ES, maio 2020. **Conveniências, sujeitos e violências nos cotidianos escolares.** Orientadora: Maria Riziane Costa Prates.

Esta dissertação trata de estudar os modos de convivências dos sujeitos na sua relação com as violências nos cotidianos de uma escola estadual de séries finais do ensino fundamental e ensino médio, situada no município de Vila Velha/ES. Analisou as situações de violências que perpassam o cotidiano escolar, pelas histórias de vidas dos sujeitos praticantes da comunidade. Como aparato teórico metodológico utilizou a abordagem qualitativa, por meio da pesquisa com os cotidianos das escolas, nas articulações com redes de conversações com alunos e professores. Fez uso dos conceitos de sujeitos, violências e cotidianos pelas intercessões teóricas de Charlot, Abramovay, Minayo, Certeau, Alves, Carvalho, Ferraço, dentre outros. Os resultados da pesquisa de campo mostraram que algumas violências acontecem no interior da escola e muitas vezes elas são discutidas e resolvidas entre os sujeitos envolvidos na situação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Violência em contexto escolar; Pesquisa com os cotidianos.

ABSTRACT

LARANJA, Pablo Ramos, M.Sc., Universidade Vila Velha - ES, may 2020. **Conveniences, subjects and violence in school daily life.** Advisor: Maria Riziane Costa Prates.

This dissertation studied the subjects' coexistence in their relationship with violence in the daily lives of a school in the city of Vila Velha/ES. It analyzed the situations of violence that permeate the school routine, through the stories of the lives of subjects who practice in the community. As a methodological theoretical apparatus, it used the qualitative approach, through research with the daily lives of schools, in articulations with networks of conversations with students and teachers. Use of the concepts of subjects, violence and everyday life through the theoretical intercessions of Charlot, Abramovay, Minayo, Certeau, Alves, Carvalho, Ferraço etc. The results of the field research showed that some violence occurs inside the school and that they are often discussed and resolved among the subjects involved in the situation.

KEY WORDS: Education; School Violence; Research and Daily Life.

INTRODUÇÃO

A violência se expressa de diversas formas em diferentes contextos. "Supomos que a violência não se reduz àqueles atos violentos visíveis aos nossos olhos, como também se esconde em ações silenciadoras, discriminadoras, de desrespeito e de humilhação, nem sempre reconhecidas como violentas" (MATTOS; COELHO, 2011, p. 198).

Hoje para nós, a violência está naturalizada no interior da sociedade e constitui um fenômeno social de grande preocupação seja do poder público ou da academia. O poder público trata a violência a partir de uma perspectiva mais ampla e para isto cria políticas públicas de segurança para combater a violência no interior da sociedade. Por outro lado, a academia procura entender a violência focando-a isoladamente, como: violência escolar, violência contra mulher, violência contra o negro, violência contra o homossexual, entre outras.

Aqui trataremos do tema da violência no contexto escolar e antes de adentrarmos nas discussões sobre a temática é preciso, inicialmente, definir o que entendemos por violência escolar. Para isto recorreremos aos ensinamentos de Bernard Charlot, para quem a violência escolar é vista em três situações:

[...] violência *na* escola: "[...] é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar; ii) violência *à* escola: [...] está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar [...]" e iii) violência *da* escola: "[...] uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam [...]" (CHARLOT, 2002, p. 434-435).

Embora Charlot (2002) destaca essas situações da violência escolar, é importante dizer que no momento não vamos adotar nenhuma delas. Para nós a escola é *espaçotempo*¹ de criação e transmissão contínua de conhecimento, ajudando na transformação da sociedade. Além de ser o local da construção do

¹ Essa junção de palavras é sugerida por Nilda Alves, como "esforço presente nas *pesquisas com os cotidianos* de superar as heranças da modernidade, entre as quais, o pensamento em dicotomias, que foi necessário à lógica das ciências" (ALVES, 2001, p. 55).

saber, a escola é onde os jovens socializam, constroem amizades, interagem com outras pessoas, professores, diretores e demais. A escola pode ainda, ajudar na promoção de atitudes de cooperação, resistência e assertividade, desenvolvendo habilidades comunicacionais, competências para resolver problemas, tudo para oferecer ao jovem o senso de responsabilidade (ABRAMOVAY, 2019).

Todavia, Abramovay (2019) destaca que hoje a escola

[...] tornou-se um local que reproduz as violências que acontecem na nossa sociedade em nível macro e, ao mesmo tempo, devido às suas especificidades como instituição, fomenta e constrói múltiplos e variados tipos de violências. A escola pode ser vítima, mas também autora de processo violentos (ABRAMOVAY, 2019, p. 190).

Sendo vítima e “[.] autora de processo violento [...]” (ABRAMOVAY, 2019, p.190), nos últimos anos, ampliou-se o interesse de estudiosos para entender as particularidades que produzem as violências no interior das escolas. Quanto a isso, no dia 06 de setembro de 2018, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) divulgou o relatório *An Everyday Lesson: #ENDviolence in Schools* sobre a situação das escolas ao redor do mundo. Nesse relatório podemos ver algumas informações conclusivas sobre a situação da violência escolar:

- i. A metade dos estudantes de 13 e 15 anos de todo o mundo, em torno de 150 milhões, sofreram violência por parte de seus colegas dentro da escola e nas suas proximidades.
- ii. Cerca de 720 milhões de crianças em idade escolar vivem em países onde a lei não oferece proteção aos castigos corporais na escola.
- iii. Um a cada três estudantes, entre 13 a 15 anos de todo mundo, sofreu algum tipo de *bullying*. Uma proporção similar participou de brigas corporais.
- iv. Em 2017 ocorreram mais de 500 ataques às escolas.

Por incrível que pareça, o UNICEF não traz informações sobre o Brasil, mas pesquisas realizadas nacionalmente mostram a gravidade da violência escolar no Brasil. Uma dessas pesquisas é a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015, do IBGE. Focada nos estudantes do 9º ano do ensino fundamental, os dados revelam:

- i. pelo menos um dia, nos 30 dias anteriores à pesquisa, 14,8% dos estudantes deixaram de ir à escola por não se sentirem seguros no trajeto da casa-escola ou da escola-casa.
- ii. nos 30 dias anteriores à pesquisa, 7,4% dos estudantes disseram ter sofrido *bullying* na maior parte do tempo ou sempre.
- iii. nos 30 dias anteriores à pesquisa, 19,8% dos estudantes praticaram *bullying*.
- iv. pelo menos uma vez, nos 12 meses anteriores à pesquisa, 23,4% dos estudantes se envolveram em alguma briga corporal.
- v. pelos menos uma vez, nos 12 meses que antecederam à pesquisa, 12,3% dos estudantes foram seriamente feridos.
- vi. nos 30 dias que antecederam à pesquisa, 5,7% dos estudantes se envolveram em brigas na qual alguém usou alguma arma de fogo.
- vii. 7,9% declararam ter se envolvido em alguma briga com arma branca (IBGE, 2015).

Nos últimos anos, expandiu-se o entendimento do que seja a violência, a partir da incorporação de novos significados. Quanto a isso, em seu relatório, o UNICEF destaca como principais expressões da violência escolar, o aparecimento:

[...] el acoso, la violencia física, la violencia psicológica y la violencia que comprende una dimensión exterior a la escuela como, por ejemplo, la violencia relacionada con la cultura de las bandas, las armas y la peleas. El informe también concluye que la violencia sexual en las escuelas es una realidad para muchos estudiantes (UNICEF, 2018, p. 5).

De acordo com os dados apontados, podemos dizer que o *bullying*, a violência física e a violência psicológica, são práticas comuns nos interiores de muitas escolas. A conjugação delas leva a uma outra forma de violência, que são os massacres pontuais à escola. Para Rodrigues (2012, p. 11):

A sociedade sofre grande impacto quando ocorre massacre em escolas, pois a tragédia escancara a crueldade do autor sobre estudantes e professores, em ambiente destinado à construção do futuro dos jovens e da comunidade. Essa instituição mantém, mesmo assim, contradições, deficiências e lacunas que fomentam o ódio de alguns, apesar dos recursos propiciados pelo avanço tecnológico e pela conscientização sobre direitos individuais e coletivos.

Para Charlot (2002), a violência no ambiente escolar não é um fenômeno novo, vindo desde o século XIX, mas que tem assumido novas formas e que aumenta o que chama de angústia social. O autor atenta para o fato de que a violência na escola tem iniciado cada vez mais cedo. Daí a importância de aprofundarmos em estudos e pesquisas para compreensão do que se passa no cotidiano escolar, pela tentativa de promover intervenções para que tais violências não encontrem terreno fértil e deixem de existir.

Nesse ínterim, compreender as violências no contexto escolar, requer uma pesquisa sobre o lugar ocupado por essa instituição na sociedade atual e os olhares dos sujeitos praticantes (CERTEAU, 1994), sobre os diferentes modos de produção de violências neste contexto, tendo como princípio o direito das crianças, jovens e adultos em estarem na escola e o direito à educação.

A educação é um direito social universal garantido por qualquer Estado vinculado aos preceitos do Estado Democrático de Direito. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, no artigo XXVI, incisos 1, 2 e 3, destaca que

1. Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, está baseada no mérito.
2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.
3. Os pais têm prioridades de direito na escolha do gênero de instrução que será mais ministrada a seus filhos (ONU, 1948, p. 14).

Não podemos deixar de dizer, que o direito à educação também está internalizado no ordenamento brasileiro pelo instrumento normativo, como um dever estatal, "[...] uma herança dos tesouros da civilização humana" (CURY, 2002, p. 248). Neste sentido:

A educação das crianças está diretamente relacionada com a cidadania e, quando o Estado garante que todas as crianças serão educadas, este tem em mente, sem sombra de dúvida, as exigências e a natureza da cidadania. Está tentando estimular o desenvolvimento de cidadãos em formação. O direito à educação é um direito social de cidadania genuíno porque o

objetivo da educação durante a infância é moldar o adulto em perspectiva. Basicamente, deveria ser considerado não como o direito da criança frequentar a escola, mas como o direito do cidadão adulto ter sido educado (MARSHALL, 1967, p. 73 *apud* CURY, 2002, p. 249-250).

Todavia, as informações trazidas pelos relatórios do UNICEF e IBGE são preocupantes, uma vez que, a escola é, depois da família, a instituição que mais influencia as vidas das crianças. De acordo com o UNICEF (2018, p.5):

En los mejores casos, las escuelas son espacios seguros y estimulantes donde los niños adquieren los conocimientos y las habilidades que precisan para desenvolverse en el mundo como adultos. Las escuelas pueden preservar a los niños de los riesgos del trabajo infantil, la explotación y el matrimonio prematuro. En la escuela, el niño puede ponerse a salvo de la violencia y elegir un futuro más pacífico.

Com base no que já discutimos até aqui, o problema de pesquisa foi abordado a partir da seguinte questão central: Qual o lugar da violência na constituição de vida dos sujeitos no *espaçotempo* escolar? Diante do problema de pesquisa, o nosso objetivo geral foi analisar as situações de violências que perpassam o cotidiano escolar, pelas histórias de vidas dos sujeitos praticantes da comunidade. O objetivo geral nos remete à elaboração de alguns objetivos específicos, a fim de melhor delinear este estudo, formulados da seguinte forma:

- i. Diagnosticar as violências que perpassam o cotidiano escolar;
- ii. Conhecer as histórias de vida dos sujeitos que praticam ou já praticaram violências na escola ou na comunidade;
- iii. Compreender a partir das narrativas dos sujeitos praticantes da escola, o lugar ocupado por esta, nas suas vidas e na comunidade;

Para alcançarmos os objetivos propostos, o presente trabalho foi conduzido através da utilização do método qualitativo com uso da *pesquisa com os cotidianos* das escolas (SEPULVEDA e ALMEIDA, 2016; FERRAÇO, 2007). Para isto recorreremos aos ensinamentos de Carlos Eduardo Ferraço e outros, para quem refletir a violência à escola exige transitar pelo seu cotidiano para apreender as nuances da violência praticada pelos seus sujeitos (FERRAÇO, 2007). Para a *pesquisa com os cotidianos* todas as fontes de informações são pertinentes para execução do trabalho, pois ao usarmos uma infinidade de fontes conseguiremos atingir com mais precisão os nossos objetivos.

Além desta Introdução e da Conclusão, i) no Capítulo 1 (Multidimensionalidade das coisas: violências e escolas na contemporaneidade) apresentamos uma discussão sobre o conceito de violências, seus tipos e naturezas. Também mostramos um levantamento realizado da produção acadêmica sobre os temas “violência escolar”, “violência e escola” e “violência na escola”; ii) no Capítulo 2 (A real violência nas escolas brasileiras: de Realengo a hoje) apresentamos um levantamento das violências escolares ocorridas de Realengo aos dias atuais e iii) no Capítulo 3 (Resultados e discussões: Convivências, sujeitos e violências nos cotidianos escolares) apresentamos os resultados da pesquisa de campo na Escola Geraldo da Costa Alves de Vila Velha/ES, com uma proposta de plano de ação.

CAPÍTULO 1

MULTIDIMENSIONALIDADE DAS COISAS: ESCOLAS E VIOLÊNCIAS NA CONTEMPORANEIDADE

A violência na sua naturalidade está diretamente relacionada com atos físicos e psicológicos e ela expõe em diversos tipos e naturezas. Isto significa dizer que ela tem uma definição geral que é aceita por todos que estudam a violência. Os tipos (autodirigida, interpessoal e coletiva) e as naturezas (física, sexual, psicológica e negligente) buscam categorizar a violência, destacando a suas consequências que podem afetar drasticamente a vida das pessoas. Há distintas violências, no que diz respeito à violência escolar, isso se deve a atos ou omissões prejudiciais que emanam dos membros de uma comunidade educacional e podem ocorrer nas dependências da escola ou em outros locais diretamente relacionados à escola.

O presente capítulo busca: i) discutir a definição geral de violência e seus tipos e naturezas, ii) levantar bibliograficamente trabalhos relacionados com a violência escolar e iii) discutir as consequências das violências no interior das escolas.

1.1. ESCOLA: O QUE É?

Trataremos da escola enquanto uma instituição que foca na formação de cidadãos oferecendo-lhe condições intelectuais para que possam estabelecer interações sociais. Antes de introduzirmos nas discussões sobre a temática é preciso, inicialmente, ver como o nosso dicionário de língua portuguesa define escola. Para isto recorreremos ao Dicionário Houaiss, para quem a escola é:

1 estabelecimento de ensino <estuda em e. bilingue> 2 prédio em que este estabelecimento funciona <fizeram obras na e.> 3 doutrina, teoria ou tendência de estilo ou pensamento <e. de Freud> 4 conjunto de pessoas que segue um sistema de pensamento, uma doutrina, um princípio estético etc. 5 determinado conjunto de princípios seguido por artistas <e. clássica> 6 o que é adequado para transmitir conhecimento, experiência <auxiliar o pai foi uma boa e. para seus futuros empregos> [...] (HOUAISS, 2009, p. 400).

A definição oferecida pelo Dicionário Houaiss é simples e está associada a um local físico que congrega e transmite um conjunto de princípios. Assim, aqui tomaremos como base, os ensinamentos de João Valdir Alves de Souza, Rui Canário, Claudia Vanielle Fusinato e Celso Kraemer para pensarmos a escola.

A palavra escola já era usada pelos gregos. Em heleno, a palavra *skholê* significava descanso, repouso, lazer, tempo livre; estudo; ocupação de um homem com ócio, livre do trabalho servil, que exerce profissão liberal, ou seja, ocupação voluntária de quem, por ser livre, não é obrigado a; escola, lugar de estudo (CANARIO, 2006; SOUZA, 2007). Já em latino, as palavras *schòla* e *scholae* significam lugar nos banhos onde cada um espera a sua vez; ocupação literária, assunto, matéria; escola, colégio, aula; divertimento, recreio (SOUZA, 2007).

Olhando para a escola no Brasil, Canario (2006) destaca que hoje ela não é mais a mesma de tempos atrás, pois a escola foi seguindo as transformações da sociedade, que, por sua vez, afetou a sua organização, o seu propósito e a sua importância na contemporaneidade. Durante o século XX, segundo Canario (2006), tivemos três tipos de escolas. “A instituição escolar sofre mutações que podemos sintetizar em uma fórmula breve: a escola passou de um contexto de certezas para um contexto de promessas, inserindo-se, atualmente, em um contexto de incertezas” (p. 16).

Na primeira metade do século XX, a escola das certezas era para Canario (2006, p.16) uma “[...] “fábrica de cidadãos” [...]”, pois fornecia o necessário para o cidadão inserir no mundo do trabalho. Já na metade do século, a escola de promessas apareceu para prometer o desenvolvimento, a mobilidade social e a igualdade. “É o malogro dessas promessas que justifica a passagem da euforia ao desencanto, assinalada a partir dos anos de 1970”, diz Canario (2006, p. 17). No final do século XX, a escola das incertezas encontra-se em meio a um ambiente totalmente de desconfiança das instituições escolares (CANARIO, 2006).

Hoje a escola é uma instituição naturalizada nas sociedades contemporâneas. A maioria dos discursos enfatiza seu papel social como instituições responsáveis

pela formação da vida humana, ética social, conhecimento e habilidades profissionais. No entanto, o discurso nas escolas, em grande parte, parece carecer de uma posição crítica mais sincera sobre a obediência e a regularização do conhecimento e das relações na prática escolar (FUSINATO; KRAEMER, 2013).

1.2. VIOLÊNCIA: O QUE É?

Trataremos da violência e suas características no interior das escolas, com a meta de delinear um conjunto teórico para o entendimento da violência escolar. Antes de introduzirmos nas discussões sobre a temática é preciso, inicialmente, ver como o nosso dicionário de língua portuguesa define violência. Para isto recorreremos ao Dicionário Houaiss, para quem a violência é:

1 qualidade do que é violento <a v. da guerra> 2 ação ou efeito de empregar força física ou intimidação moral contra; ato violento <derrubou a porta com v.> 3 exercício injusto ou discriminatório, ger. ilegal, de força ou de poder <a v. de um golpe de Estado> 4 força súbita que se faz sentir com intensidade; fúria, veemência <a v. de um furação> <uma v. de sentimentos> <a v. de sua linguagem> 5 JUR constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação 6 p. ext. cerceamento da justiça e do direito; coação, opressão, tirania <viver num regime v.> [...] (HOUAISS, 2009, p. 1948).

A definição oferecida pelo Dicionário Houaiss é simples e também provoca uma certa confusão quando está ligada a outros conceitos, como, tirania. Assim, aqui tomaremos como base, os ensinamentos de Maria Célia de Souza, Bernard Charlot, Linda L. Dahlberg, Etienne G. Krug e Alba Zaluar para pensarmos a violência.

Etimologicamente a palavra violência aparece do latim *violentia*, que leva a *vis*, que significa força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital. Para Zaluar (1999, p. 8), “esta força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica”. Ou seja, se passarmos os limites de nossos movimentos impondo os nossos saberes, caracterizaremos um ato violento em relação ao outro. Nesse jogo de relação, a força e a coerção são ingredientes da violência, podendo causar danos físico, moral ou psicologicamente.

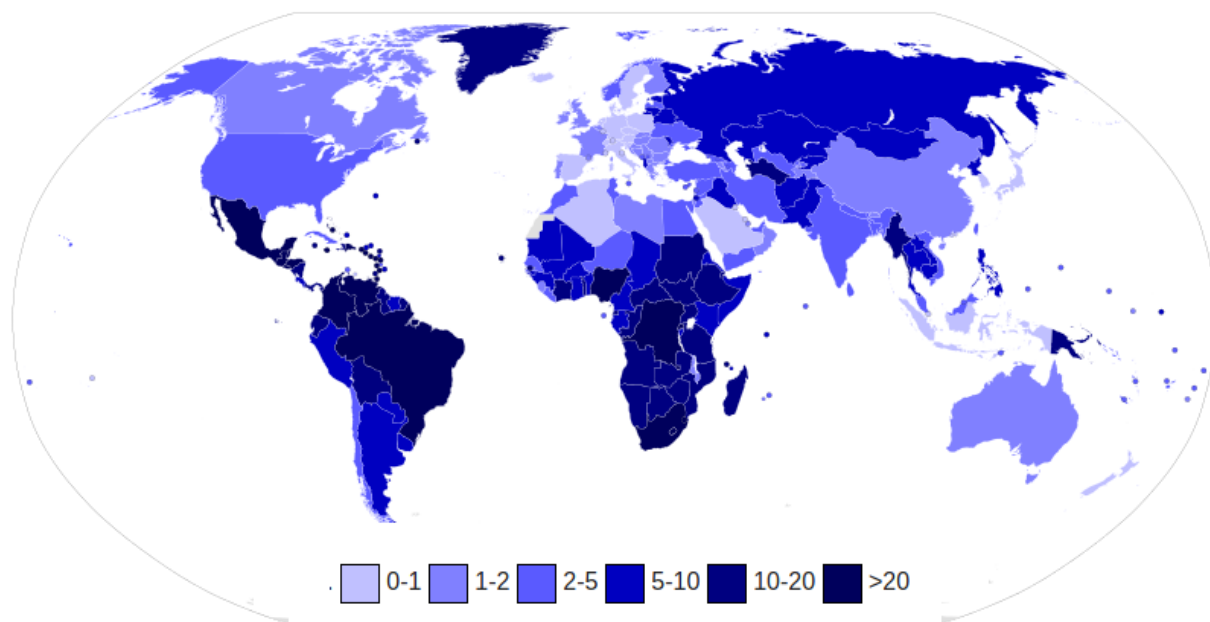
Sendo uma construção social, a violência torna-se um grande problema para as relações sociais (MINAYO, 2013).

Desde sempre a violência faz parte do convívio humano. Toda sociedade tem suas violências, assim

Ela consiste no uso da força, do poder e de privilégios para dominar, submeter e provocar danos a outros: indivíduos, grupos e coletividades. Há sociedades mais violentas do que outras, o que evidencia o peso da cultura na forma de solução de conflitos (MINAYO, 2013, p. 23).

Nesta mesma direção a Organização Mundial da Saúde (OMS) trata a violência como o uso de força física ou poder, ameaçando ou na praticando, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que leve ou possa levar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação (DAHLBERG; KRUG, 2007). O homicídio é um exemplo de violência e a figura abaixo apresenta, em 2012, uma visão mundial com taxas de homicídio a cada 100 habitantes.

Figura 1. Taxas de homicídio a cada 100 habitantes. Mundial, 2012



Fonte: Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC).

Com base no mapa global acima, o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC) colocou o Brasil, em 2012, como sendo um dos países

mais violentos do mundo. No contexto da América do Sul, o Brasil apresentou uma taxa de 26,7% homicídios por 100 mil habitantes, sendo superado somente pela Venezuela com uma taxa de 57,2%. A situação do Brasil se complica ainda mais quando se olha para os Estados: “[...] Alagoas (64,6%), Espírito Santo (46,6%), Goiás (45,4%), Ceará (44,6%) e Bahia (41,9%) se destacaram em 2012 com as mais altas taxas de homicídio entre os Estados brasileiros” (LIRA, 2019, p. 13-14).

Na sua generalidade, a violência pode ser empregada para um ato de homicídio, como visto acima, quanto para ato de maus tratos que podem ser, emocionais, verbais ou psicológicos. No âmbito conjugal revela-se na relação de gênero, na submissão da mulher ao homem. No campo profissional nota-se a presença de assédio moral. No ambiente domiciliar a prática da violência é comum entre os casais, seja ela física ou psicológica, trazendo prejuízo a vida das pessoas que estão envolvidas em relações de conflito familiar. Na esfera infantil observa-se agressões e explorações a crianças. No ambiente escolar pode ser empregada para um ato de *bullying* ou *cyberbullying*, práticas que envolvem a relação aluno-aluno, podendo trazer prejuízo a vida, quanto para um de maus tratos aos funcionários da escola.

1.2.1. TIPOS E NATUREZAS DA VIOLÊNCIA

A violência não se manifesta somente na sua forma cruel, a morte. Ela agride à si próprio ou as pessoas a sua volta, fazendo-se presente na vida social de diversas tipos e naturezas. Esses tipos e naturezas e, de acordo com Minayo (2013), “[...] estão presentes na vida social [...], reproduzindo-se nas estruturas, nas relações e nas subjetividades, de maneira insidiosa e persistente” (p. 30).

Dahlberg e Krug (2007) destacam 3 tipos de violência e 4 naturezas de violências: i) tipos: autodirigida, interpessoal e coletiva e ii) naturezas: física, sexual, psicológica e privação. O quadro abaixo apresenta os tipos e subtipos das violências e suas consequências.

Quadro 1. Tipos, subtipos e consequências das violências

Tipos	Subtipos	Consequências
Autodirigida	• Comportamento suicida. • Práticas de automutilar.	Violência que a pessoa comete a si mesma.
Interpessoal	• Violência de família e parceiros íntimos. • Violência na comunidade.	Violência praticada por outra pessoa ou por grupos pequenos (família).
Coletiva	• Violência social. • Violência política. • Violência econômica.	Violência executada por grupos grandes (Estado).

Fonte: Elaboração própria a partir de Dahlberg e Krug (2007, p. 1166).

A violência autodirigida está dividida em dois subtipos: i) a relacionada ao comportamento suicida e ii) e as práticas de automutilar (DAHLBERG; KRUG, 2007). A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) destaca que o suicídio não é um fenômeno isolado em países pobres, ao contrário, é uma prática que ocorre em todos países, sejam eles pobres ou ricos. Para OPAS todos os anos mais de 800 mil pessoas morrem por suicídio. Para cada 01 suicídio, existe uma infinidade de pessoas que tentam o suicídio. “A tentativa prévia é o fator de risco mais importante para o suicídio na população em geral” (OPAS, 2018). Entre os jovens de 15 a 29 anos, o suicídio é a segunda causa de morte.

Já a violência interpessoal se dá quando não exercitamos o diálogo para resolução dos conflitos. Minayo (2013) sublinha que conflito e violência são coisas diferentes. O conflito sempre existiu nas relações sociais e transformação para violência se dá quando se mina todas as oportunidades comunicacionais. Minayo (2013, p. 34) afirma:

[...] o que é grave no caso das interações entre as pessoas é a incapacidade de resolver conflitos por meio da conversa, da explicação civilizada de pontos de vista diferentes, da compreensão das razões de cada uma das partes, buscando, pela negociação, uma saída pacífica para os problemas.

A autora aponta que esse tipo de violência perpassa por todas as classes sociais, mas, na visão dela, é na classe pobre que violência interpessoal mais ocorre. Minayo (2013) frisa que as desigualdades sociais em conjugação com “[...] do desemprego crescente, à falta de perspectiva no mercado de trabalho, à facilidade de acesso a armas, à impunidade, à arbitrariedade policial, à ausência ou

à omissão das políticas públicas” afetam as relações entre as pessoas, o bom senso some e a saída para resolução dos conflitos é a violência.

Para Dahlberg e Krug (2007), a violência interpessoal está dividida em dois subtipos: i) violência de família e parceiros íntimos e ii) violência na comunidade. A primeira violência está relacionada exclusivamente aos membros da família ou aos parceiros em uma relação íntima. Já a segunda violência está diretamente ligada as pessoas que não tem nenhuma relação, que segundo Dahlberg e Krug (2007), essa violência ocorre fora dos espaços domiciliares.

A violência coletiva está dividida em três subtipos: i) social, ii) política e iii) econômica (DAHLBERG; KRUG, 2007). A primeira violência tem a meta de executar um plano de ação que possa atingir socialmente um grupo específico, por exemplo, os ataques terroristas procuram atingir um determinado grupo social. Já a segunda violência tem o objetivo de colocar em prática uma estratégia que possa atingir politicamente um grupo, por exemplo, a guerra e suas consequências podem atingir uma nação, trazendo grandes destruições. A terceira violência tem o propósito executar um plano de ação que possa atingir economicamente um grupo específico, por exemplo, um reforma tributária pode atingir determinadas classes sociais.

Foram discutidos acima os tipos, subtipos e consequências das violências destacados por Dahlberg e Krug (2007). O quadro abaixo apresenta as naturezas das violências e suas consequências.

Quadro 2. Violências e suas naturezas

Tipos	Consequências
Física	Uso da força para gerar dano físico a vida de outra pessoa.
Sexual	Usar o outra pessoa para satisfação sexual.
Psicológica	Agressões verbais ou gestuais produzindo dano mental a vida de outra pessoa.
Negligente	Abandono no atendimento necessário a vida de outra pessoa.

Fonte: Elaboração própria a partir de Minayo (2013, p. 38-39).

A violência física foca na força para atingir a integridade da vida de outrem. Esse tipo de violência é comum em todos os espaços sociais. Minayo (2013)

chama atenção para o impacto que essa violência pode causar na vida das crianças. Diz ela: “frequentemente, na infância e na adolescência, assim como na vida adulta, reproduzem o comportamento agressivo com que foram tratadas” (p. 39). Esta afirmação de Minayo (2013) vai de encontro com a teoria *Developmental-Interactional Perspective*, que violência reproduz violência.

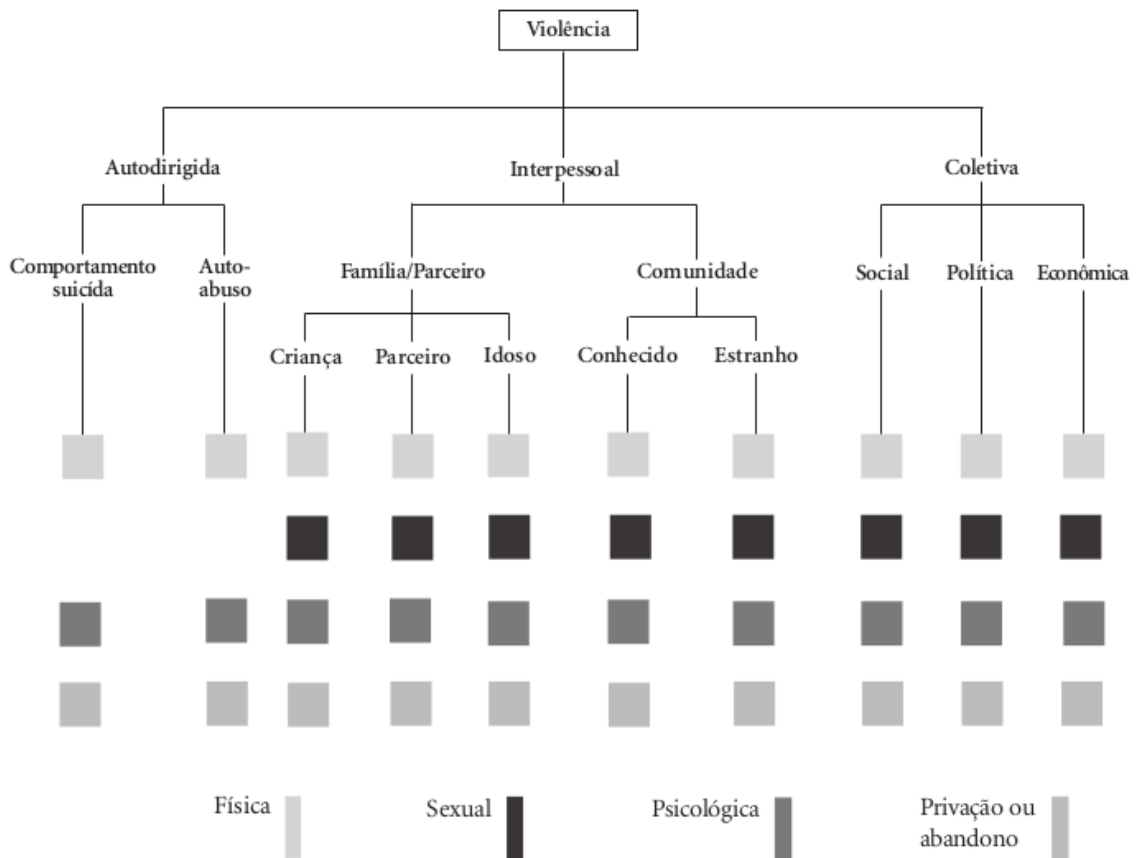
Já a violência sexual envolve todo um jogo para força a outra pessoa a fazer relações sexuais. Minayo (2013) destaca que crianças são vítimas desse tipo de violência, que vem acompanhada da violência física e psicológica. “Muitas saem de casa quando os abusadores são os pais ou padrastos, passando a viver nas ruas, expostas a agressões e à cultura da delinquência”, diz Minayo (2013, p. 39).

A violência psicológica foca em ofensas, insultos, injúrias, afrontas, humilhações, provocações etc. para deixar mal a pessoa violentada. Quando praticada com crianças, esse tipo de violência pode afetar a autoestima delas, formando adultos com problemas de personalidades (MINAYO, 2013).

Já a violência negligente está relacionada com a ausência ou a renúncia para cuidar de alguém que necessita de atenção especial. Minayo (2013) sublinha que quando acontece com crianças pode trazer uma série de riscos de vida a elas, como: abusos sexuais e queimaduras.

O fluxograma abaixo sintetiza o raciocínio de Dahlberg e Krug (2007) amarrando tipos e naturezas da violência.

Fluxograma 1. Tipos e naturezas da violência



Fonte: Dahlberg e Krug (2007, p. 1167).

No fluxograma acima podemos enxergar com o raciocínio Dahlberg e Krug (2007) está conectado com a multidimensionalidade da violência. Também é possível ver se a violência promovida é física, sexual, psicológica ou provação/abandono. Por exemplo: quem pratica uma violência interpessoal > ocorrerá por familiares/parceiros > e poderá ser, por exemplo, com idoso > que pode ter as quatro agressões (física, sexual, psicológica ou provação/abandono). Nas violências autodirigidas, que são aquelas que dadas a nós mesmos, a agressão sexual não se congrega na sua aplicabilidade, por exemplo, o suicídio.

1.3. LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE OS TEMAS “VIOLÊNCIA ESCOLAR”, “VIOLÊNCIA E ESCOLA” E “VIOLÊNCIA NA ESCOLA”

Antes de entrarmos nas discussões sobre as violências e escolas, é interessante realizarmos um levantamento da produção acadêmica sobre o tema tratado nesta Dissertação. Para isto, a pesquisa foi realizada a partir de quatro bancos de produções acadêmicas: i) Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), ligado ao Instituto de Informação em Ciência e Tecnologia (IICT), ii) Catálogo de Teses e Dissertações (CTD), vinculado a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), iii) *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e iv) Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC).

As temáticas indicadoras na busca foram: “violência escolar”, “violência e escola” e “violência na escola”. As três temáticas circundam o tema deste trabalho, ou seja, a “violência escolar”, “violência e escola” e “violência na escola” são os nossos focos analíticos que vão possibilitar o entendimento dos sujeitos e a violência escolar nas séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio na rede pública municipal de Vila Velha/ES.

Primeiramente fizemos o levantamento na BDTD e no CTD. Essas bases integram e divulgam os textos completos das Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado defendidas nas instituições de ensino e pesquisa brasileiras em um único portal de pesquisa. O acesso a essas produções científicas é totalmente gratuito. A tabela abaixo exhibe as contagens das temáticas na BDTD e no CTD.

Tabela 1. Busca na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e Catálogo de Teses e Dissertações. 2015-2018

Temáticas indicadoras	Contagens	
	BDTD	CTD
Violência escolar	49	126
Violência na escola	33	48
Violência e escola	33	15

Fonte: Elaboração própria a partir de Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e Catálogo de Teses e Dissertações.

A busca foi realizada de maneira simples, aspendo cada temática indicadora e temporizando a pesquisa. Os resultados estão na Tabela 1 e podemos observar que a temática “violência escolar” apareceu 126 e 49 vezes, enquanto as outras 33 vezes cada na BDTD e 48 e 15 vezes cada no CTD. Apareceram mais temas relacionados com “violência escolar” e acreditamos que os outros temas, muitas vezes, perpassam pela temática da “violência escolar”, ou seja, “violência na escola” e “violência e escola” são discutidos quando se estuda o tema “violência escolar”. Assim, concentraremos na temática “violência escolar” e exibiremos algumas informações sobre os dois trabalhos de cada base pesquisada. Esses trabalhos foram os dois últimos lançados nas bases no ano de 2018 e o foco foi nos resumos, a fim de compreender a discussão do texto.

O primeiro trabalho está na base BDTD e é uma Tese de Doutorado, defendida em 2018 na Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, com título “Comportamentos indisciplinados na sala de aula: um estudo na perspectiva da subjetividade” e autoria de Maria do Socorro Martins Lima. O objetivo do trabalho da autora teve relação com as suas atividades de docência na escola em que atua. Ela quiz entender o comportamento indisciplinado dos alunos e para isto ela focou em estudar a configuração subjetiva de alunos considerados indisciplinados. As descobertas da autora sugerem que a forma subjetiva de indisciplina em cada ator social aparece de uma maneira única, o que apoia o fato de que a indisciplina escolar é um produto de significado subjetivo, que é a base da forma subjetiva do aluno no estabelecimento de relacionamentos. Portanto, a configuração subjetiva dos estudantes constitui seu comportamento, e aqueles que são considerados indisciplinados são tecidos pelos significados subjetivos de suas experiências. Nessas experiências, a subjetividade e a

subjetividade social dos indivíduos se cruzam. Juntos, diante da complexa individualidade, é difícil explicar a trajetória singular de maneira linear.

Já o segundo trabalho está na base BDTD e é uma Dissertação de Mestrado, defendida em 2018 na Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, com título “(Des)engajamento moral e atuação docente frente ao bullying escolar” e autoria de Rafael Petta Daud. O objetivo do trabalho foi discutir o *bullying* e que para o autor, hoje, o *bullying* (uma forma específica de violência contra colegas) é muitas vezes confundido e subestimado por professores que não sabem como identificá-los, muito menos como intervir. Os resultados dizem que o cenário descrito por si só é suficiente para tornar preocupante o *bullying* escolar, uma vez que o fenômeno não se limita em sua definição ao universo escolar, mas é na escola onde o principal local é sua manifestação. Nesse contexto, tal violência acaba sendo uma insígnia que, juntamente com outras formas de maus-tratos, indica de fato quanto desrespeito pode ser encontrado no cenário educacional, sugerindo a falta ou inadequação de conteúdo moral nas instituições escolares.

O terceiro trabalho está na base CTD e é uma Dissertação de Mestrado, defendida em 2018 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, com título “Das microviolências ao *bullying*: reflexões sobre a violência no ambiente escolar” e autoria de Edina Moura Vianna. Este trabalho apresentou considerações sobre a violência escolar com base na agressividade identificada em uma classe da sexta série de uma escola pública municipal, manifestada em atitudes de incivilidade e práticas de *bullying*. Os principais resultados são a compreensão dos alunos de que atitudes em relação à incivilidade contribuem para um ambiente de aprendizado tumultuado e desfavorável e a percepção de que o diálogo e a orientação são as formas mais apropriadas de prevenir e combater o *bullying*.

Já o quarto trabalho está na base CTD e é uma Dissertação de Mestrado, defendida em 2017 na Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Psicologia, com título “Violência escolar: elaboração, implementação e avaliação de

um programa de intervenção” e autoria de Thiago Virgilio da Silva Stroppa. O trabalho do autor teve como objetivo desenvolver, implementar e avaliar os resultados de um programa de intervenção na violência escolar, com foco no desenvolvimento de habilidades sociais e no sentimento de pertencimento que visa prevenir e reduzir a violência. O autor ressalta que este trabalho contribuiu para a promoção de programas de intervenção na violência escolar, baseados no desenvolvimento de habilidades sociais e no sentimento de pertencimento.

Conhecido o levantamento das Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado, agora vamos fazer o levantamento SciELO e PePSIC. SciELO é uma biblioteca eletrônica que inclui uma coleção seleta de revistas científicas brasileiras. Já o PePSIC é uma fonte da Biblioteca Virtual em Saúde e Psicologia da União Latino-Americana de Entidades de Psicologia e fruto da parceria entre Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, Biblioteca Dante Moreira Leite do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e do Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. O acesso a essas produções científicas é totalmente gratuito. A tabela abaixo exhibe as contagens das temáticas na BDTD e no CTD.

Tabela 2. Busca em Scientific Electronic Library Online e Periódicos Eletrônicos de Psicologia

Temáticas indicadoras	Contagens	
	SciELO	PePSIC
Violência escolar	32	19
Violência na escola	11	10
Violência e escola	-*	-

Fonte: Elaboração própria a partir de Scientific Electronic Library Online e Periódicos Eletrônicos de Psicologia.

Nota: * Sinal para indicar N igual à zero.

A busca foi realizada de maneira simples, sem aspas nas temáticas indicadoras e sem temporizar a pesquisa. Os resultados estão na Tabela 2 e podemos observar que a temática “violência escolar” apareceu 32 e 19 vezes, enquanto a “violência na escola” surgiu 11 (SciELO) e 10 vezes (PePSIC). Por outro lado, a temática indicadora “violência e escola” na apareceu nenhuma vezes. Temas relacionados à "violência escolar" surgiram com mais regularidade e acreditamos

que os outros frequentemente permeiam o tema "violência escolar", isto é, "violência escolar" e "violência e escola". Portanto, focalizaremos o tema "violência escolar" e mostraremos algumas informações sobre dois trabalhos de cada base examinada. Esses trabalhos foram os dois últimos lançados nas bases no ano de 2018 e o foco foi nos resumos, a fim de compreender a discussão do texto.

O primeiro texto está na base SciELO e foi publicado, em 2018, na revista Alfa, Revista de Linguística intitulado "Representações discursivas da Escola Democrática do DF na mídia jornalística" e autoria de Thaís Lôbo Junqueira e Francisca Cordelia Oliveira da Silva. No texto as autoras trataram da *accountability* horizontal, da *accountability* societal vertical, da representação e da intertextualidade para analisar as representações discursivas da Escola Democrática, a qualidade da democracia e a violência que reproduz a relação entre dominação e exploração. Este estudo mostrou como o impacto potencial da mídia jornalística no gênero de reportagem legitima as relações sociais hegemônicas.

Já o segundo texto está na base SciELO e foi publicado, em 2018, na revista Psicologia: Ciência e Profissão intitulado "Manifestações de *bullying* em diferentes contextos escolares: um estudo exploratório" e autoria de Luís Gustavo Faria Aguiar e Sylvia Domingos Barrera. A violência entre pares é um tema de interesse da literatura educacional por causa de sua frequência de ocorrência e seus efeitos nocivos sobre os participantes. O objetivo geral do estudo foi investigar a ocorrência do *bullying* nos dois ambientes escolares (públicos e privados) e comparar a frequência e a maneira pela qual o fenômeno ocorreu. Os autores destacaram que houve uma maior prevalência de agressores do sexo masculino na escola pública, enquanto na particular não houve diferenças significativas entre os sexos dos agressores. Nas duas escolas, a taxa de agressão foi alta, tanto no recreio quanto na sala de aula.

O terceiro texto está na base PePSIC e foi publicado, em 2013, na revista Estudos Interdisciplinares em Psicologia intitulado "Representações sociais da violência em professores da escola pública" e autoria de Alexandre da Silva de Paula, Sérgio Kodato e Francielle Xavier Dias. O trabalho dos autores foi um estudo

qualitativo realizado em uma escola pública nos arredores de uma cidade de tamanho médio no interior de São Paulo. O objetivo foi examinar as ideias e significados da violência escolar desenvolvidos por professores de escolas de ensino fundamental e médio. Interpretações e razões para eventos violentos são baseadas em ideias pré-científicas e representam um discurso autocrítico caracterizado por impotência e um senso fatalista do futuro, o que dificulta o confronto e a prevenção.

Já o quarto texto está na base PePSIC e foi publicado, em 2016, na Revista Brasileira de Psicodrama intitulado “As relações interpessoais entre adolescentes: o teste sociométrico como recurso para superar conflitos e violências escolares” e autoria de Adriana Lira, Edenir Christine Cerqueira e Candido Alberto Gomes. O objetivo do texto, segundo os autores, foi destacar o teste sociométrico como um recurso que pode ser usado para subsidiar o trabalho do professor em sala de aula para monitorar as relações interpessoais entre adolescentes, mediar conflitos, ensinar coexistência e superar a violência. O mapeamento foi realizado em uma turma da sexta série do ensino fundamental de uma escola pública com histórico de violência nos arredores de Brasília. O resultado do teste sociométrico mostrou que o professor, que não conhecia os adolescentes e a causa do conflito nas relações interpessoais dos estudantes adotou medidas reativas de tentativa e erro que contribuíram para o ciclo de violência e, portanto, para o desânimo profissional.

À luz dos trabalhos discutido brevemente acima, nosso trabalho difere disso, pois buscamos examinar as formas pelas quais os sujeitos convivem em sua relação com a violência no cotidiano de uma escola estadual de séries finais do ensino fundamental e ensino médio, situada no município de Vila Velha/ES. Utilizamos os conceitos de sujeitos, violência e cotidiano, entre outros, através da intercessão teórica de Bernard Charlot, Miriam Abramovay, Maria Célia Minayo, Michel de Certeau e Carlos Eduardo Ferrazo.

1.4. VIOLÊNCIAS ESCOLARES E SUAS FACES

A mídia há muito tempo mostra que em muitos lugares o ambiente escolar não é mais um lugar seguro e que a escola perdeu dois de seus principais objetivos: conhecer e transmitir conhecimento. A escola atual é considerada por alguns como um local onde ações podem ser tomadas que não estão alinhadas com seus principais objetivos.

Abrimos esta seção com duas manchetes sobre violências nas escolas e para Charlot (2002) não é um fenômeno recente. A violência escolar é antiga e o que mudou entre os tempos foram os surgimentos de novas práticas e intensidades, contribuindo para a produção de uma “[.] angústia social face à violência escolar [...]” (p. 434).

Figura 2. Metade das crianças e adolescentes se sente inseguras nas escolas



Fonte: Disponível em: <<https://is.gd/4i9dD6>>. Acesso em: 12 set. 2019.

Figura 3. MG registra 10,6 mil casos de violência em escolas



MG registra 10,6 mil casos de violência em escolas públicas e particulares em 6 meses

Relatos de xingamentos em sala, brigas e desrespeito a professores e colegas não são incomuns. Escola em Belo Horizonte fala sobre grupo de diálogo para debater o assunto e tratar conflitos.

Por Flávia Cristini, G1 MG — Belo Horizonte
08/08/2018 07h30 · Atualizado há um ano

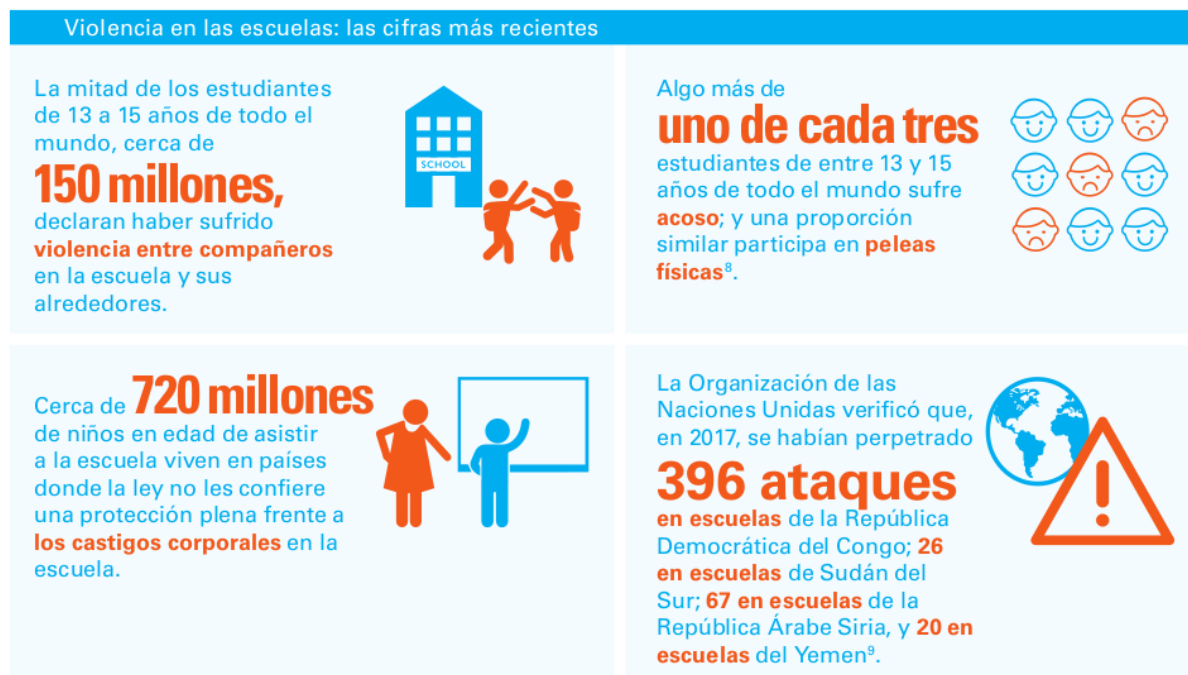


Fonte: Disponível em: <<https://is.gd/PcwY2Z>>. Acesso em: 12 set. 2019.

Os anúncios das manchetes destacam: “*Bullying* e violência foram apontados como motivo por alunos em pesquisa feita por ONG”. “Relatos de xingamentos em sala, brigas e desrespeito a professores e colegas não são incomuns. Escola em Belo Horizonte fala sobre grupo de diálogo para debater o assunto e tratar conflitos”. Podemos dizer que as manchetes ressaltam que a violência no interior das escolas é algo real e preocupante, pois muitas pessoas são afetadas violentamente.

Em setembro de 2018, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) divulgou o relatório *An Everyday Lesson: #ENDviolence in Schools* destacando situação das escolas ao redor do mundo. Na imagem abaixo, podemos ver algumas informações conclusivas sobre a violência escolar.

Figura 4. Violência nas escolas: dados mais relevantes



Fonte: Disponível em: <<https://is.gd/sihexT>>. Acesso em: 03 set. 2019

É assustador as violências nas escolas, pois constituem um fenômeno que está fugindo do controle dos poderes públicos. Essas violências externalizam problemas que afetam aqueles que as praticam, os que sofrem e os que testemunham as violências. Também não podemos esquecer que as violências tiram da escola a sua condição de ser escola, isto é, um lugar que promova a amizade, o prazer, a compaixão, o respeito, a empatia, a tranquilidade, o conhecimento etc. Ou seja, a violência escolar é um problema societal que precisa ser discutido com mais detalhes sobre formas que possam dirimir as violências escolares.

Charlot (2002) ressalta que a violência na escola é aquele ato social cometido nas dependências dela. Disputa por tráfico, acerto de contas ou roubo pode ocorrer em qualquer espaço societal, no entanto, se acontece nas dependências da escola, então, a resolução do conflito é realizada nela. Muito das vezes, os envolvidos em conflitos são jovens, que estudam ou não na escola ou ainda que moram ou não nos arredores dela, que enfrentam dificuldades e enxergam no crime a possibilidade de resolver seus problemas.

Essas violências afetam o cotidiano da escola, as práticas pedagógicas e as relações interpessoais. Assim, “esta instituição apresenta fatores de risco, como os problemas de aprendizagem e fracasso escolar, a evasão, a exposição às situações de violências e os baixos níveis de participação comunitária” (ABRAMOVAY, 2019, p. 190).

Dentro da literatura que discute o tema aqui tratado, alguns autores procuram conceitualizar a violência escolar para melhor compreendê-la na contemporaneidade.

Sposito (2002) destaca que a violência escolar aparece em duas formas: i) ações violentas contra os patrimônios da escola e ii) sociabilidade agressiva envolvendo alunos, professores e funcionários. Seguindo a lógica de Sposito (2002), Charlot (2002) ressalta três formas de violência: i) *na* escola, como resultado daquela que existe fora de seus muros, ii) *à* escola, aquela dirigida diretamente à instituição e aos seus representantes e iii) *da* escola,

[...] uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modo de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...) (CHARLOT, 2002, p. 435).

O autor ressalta que as três formas de violência escolar são necessárias para compreender a magnitude da ação violenta, porque “a escola é largamente impotente face à violência na escola, ela dispõe de margens de ação face à violência à escola e da escola” (2002, p. 435).

Os jovens são os principais autores e vítimas da onda de violência. Charlot (2002) ressalta que não são os únicos atores, mas os estudos apontam que os jovens são os provocadores das violências e ao mesmo tempo os receptores dessas agressões. Nessa relação agressor e vítima, o maior problema está do lado da vítima, pois é ela que sofre as consequências de um meio violento.

Charlot (2002) chama a atenção que o agressor e a vítima tem muitas coisas parecidas:

São jovens fragilizados de um ou de outro ponto de vista, ou de vários pontos de vista cumulados: rapazes (mas a violência das moças aumenta atualmente), alunos com dificuldades familiares, sociais e escolares. [...]. Não esqueçamos também as violências sociais, cujas vítimas mais frequentes são os jovens: desemprego, acidentes nas estradas, droga, agressões sexuais, etc.

Nesse ambiente societal hostil onde a desigualdade domina as relações sociais, esses fatores nos fazem ver a violência escolar como um fenômeno estrutural da sociedade que acaba respingando nas escolas. A escola é a autora, a vítima e o local da violência. Ela é autora quando discrimina estudantes com processos sutis, como usar métodos de avaliação inadequados para avaliação de alunos. É uma vítima quando sofre vandalismo e maus-tratos. Ela é o local quando ocorrem conflitos em seu ambiente entre seus membros e quando se torna um local para aprender ser violento.

Portanto, devido à diversidade de condicionantes, é difícil definir uma definição única de violência escolar que se aplique a todas as situações. É inegável que seus significados são dinâmicos e mutáveis, e seus significados mudam e se adaptam às mudanças da sociedade e às diferentes regiões, contextos culturais e momentos históricos (ABRAMOVAY, 2006).

De outra perspectiva, Abramovay (2015) define a violência escolar a partir de três tipos de violências: agressão verbal, preconceito e homofobia. Embora a agressão verbal seja frequentemente entendida como um fato secundário, algo típico de adolescentes e jovens, as agressões podem dizer muito sobre uma pessoa, pois ela também sofre essas agressões e acaba reproduzindo tal comportamento. Abramovay (2015) destaca:

Assim, alunos se ofendem com palavrões, apelidos, difamação, insultos, ofensas. Quando se fala sobre as múltiplas violências ocorridas no espaço escolar, fala-se, principalmente, nas brigas aluno-aluno, entretanto, não se pode esquecer que os membros do corpo técnico-pedagógico dos estabelecimentos de ensino também são potenciais vítimas e agressores. Os professores queixam-se de insultos, palavrões, palavras agressivas, acusações, ridicularizações, violência verbal por parte dos pais entre

outras. No entanto, os alunos também se queixam dos professores, exemplificando a maneira agressiva como muitos deles são tratados: arrombada, retardada, burra, marginais, medíocres, imprestáveis, drogados, raça podre, vagabundos, pobres, vadios etc (p. 9-10).

Preconceitos se referem à crença naturalizadas em atributos e qualidade de indivíduos de certas características que acreditam em inferioridades naturais certas pessoas por causa de sua raça/cor, fala, roupas, etc., e por causa de seu comportamento diferente, acreditando na inferioridade de uma e na superioridade de outra (ABRAMOVAY, 2015). Discriminação na escola não é apenas uma prática entre alunos. “São, principalmente, ações e omissões do sistema escolar que podem contribuir para prejuízos na aprendizagem do aluno, influenciando negativamente seu processo de construção da identidade dos adolescentes e jovens”, diz Abramovay (2015, p. 10).

Uma das formas mais significativas de discriminação nas escolas é a homofobia, um tratamento discriminatório de homens e mulheres jovens considerados homossexuais. A autora desta que essa discriminação é baseada na noção de que existe um comportamento sexual "normal", correto. Portanto, a homofobia é legalizada por padrões culturais, que condena comportamento não-heterossexual (ABRAMOVAY, 2015).

Fechamos este capítulo ressaltando que a violência escolar é vista como uma agressão, conflito interpessoal, danos à propriedade, comportamento criminoso, discriminação e outros comportamentos violentos cometidos por alunos, professores e funcionários no ambiente escolar (PRIOTTO; BONETI, 2009).

CAPÍTULO 2

LEI Nº 13.185/2015 E PENSE: O *BULLYING* E SUA RELAÇÃO COM A VIOLÊNCIA ESCOLAR

O *bullying* é quase tão antigo quanto a própria escola e é conhecido como "brincadeiras de mau gosto". Os estudantes ou um grupo de estudantes buscam características diferentes (como raça, religião ou deficiência) no outro para imporem suas forças, assim, se dá uma luta pelo poder e liderança nas relações escolares. Violência e *bullying* estão se tornando mais comuns nas escolas. Esse ambiente de violência nas escolas pode impactar fortemente na vida das crianças e adolescentes e é cada vez mais alto a necessidade de pesquisas sobre as possíveis formas de controle e as melhores maneiras de conscientizar pais e professores de seu papel nesse processo.

O presente capítulo busca: i) discutir o *bullying* como catalizador da violência escolar; ii) apresentar o Programa de Combate a Intimidação Sistemática (*Bullying*) e a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar e iii) discutir as consequências das violências no interior das escolas.

2.1. *BULLYING*: O QUE É?

Trataremos do *bullying* e suas características como um prática violenta no interior das escolas, com a meta de delinear um conjunto teórico para o entendimento desse comportamento. Antes de introduzirmos nas discussões sobre a temática é preciso, inicialmente, ver como o nosso dicionário de língua portuguesa define *bullying*. Para isto recorreremos ao Dicionário Houaiss, para quem o *bullying* é:

[...] comportamento insistente de quem procura intimidar, por meio de violência física ou psicológica, alguém que é incapaz de se defender, ger. em ambiente escolar [...] (HOUAISS, 2009, p. 155).

A definição oferecida pelo Dicionário Houaiss é simples e está associada ao ato de intimidação com uso da violência física ou psicológica. Assim, aqui tomaremos como base, os ensinamentos de Gilda de Castro Rodrigues para pensarmos o *bullying*.

O termo *bullying* tem origem na palavra inglesa *bully*, que significa valentão, brigão. Como todos sabemos, o *bullying* está se tornando mais comum entre adolescentes e crianças. O *bullying* ocorre por meio de xingamento, apelidos, gestos, etc., e esses atos ofendem as vítimas física e verbalmente. Os praticantes veem isso como um prazer, apenas divertido para eles (RODRIGUES, 2015). Esse não é um fenômeno novo, pois há muitas referências na literatura que ressaltam o *bullying*.

Brackel registra o caso de moças despejando água numa estudante recém-chegada a um colégio de Bruxelas (Bélgica), no século XIX. Na literatura brasileira, é possível citar Pompéia (1992) e Rego (1980). O termo foi criado, entretanto, pelo pesquisador sueco Dan Olweus, somente depois do massacre na escola americana Columbine, em 1999. Ele utilizou o gerúndio do verbo *to bully* – que significa tiranizar, oprimir, ameaçar ou amedrontar – para rotular as atitudes de estudantes que se comportam como tiranos ou valentões diante de seus colegas tratados como inferiores (RODRIGUES, 2015, p. 13).

Qualquer coisa é o que faz com que os colegas de classe sejam insultado: se ela usa óculos, se é baixa ou alta demais, se é gorda e magra, se é uma boa aluna, qualquer coisa pode fazer com que um adolescente ou criança seja intimidado.

Isso machuca as pessoas física e mentalmente intimidadas. Os jovens começam a se sentir deixados de fora e começam a pensar que é culpa deles. Nesse momento, a depressão começa a fazer os jovens pensarem e até cometerem suicídio.

Esses estudantes ficam quietos, sem mencionar seus problemas, porque têm medo dos agressores ou, infelizmente, não ouvem porque estão tentando registrar uma reclamação, porque aqueles que ouvem a reclamação podem não conhecer a situação real do problema. É acidental, é improvável que isso aconteça novamente, mas eles acontecem o tempo todo e sempre pensam que esse é um relacionamento

de causa e efeito. Como resultado, os casos de *bullying* são encobertos, esquecidos e deixados para lá.

2.2. O PROGRAMA DE COMBATE À INTIMIDAÇÃO SISTEMÁTICA (*BULLYING*) E A PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE DO ESCOLAR (2009 a 2015)

2.2.1. A LEI Nº 13.185/2015

O aumento frenético da violência escolar chamou a atenção de estudiosos e do governo para conhecer as origens dessa violência. Dentre as violências escolares vamos encontrar o *bullying*, que é uma forma violenta mascarada como “brincadeira” nas relações escolares. Com a finalidade de combater o *bullying* foi promulgada em 6 de novembro de 2015 a Lei nº 13.185, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Considerado um avanço jurídico de combate ao *bullying* e a primeira lei que busca prevenir e combater a prática da “intimidação sistemática”.

No pensar do Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*), os parlamentares brasileiros interpretaram a palavra *bullying* como sendo “intimidação sistemática” e o conceituou como

[...] todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Desse jeito definido, o *bullying* é caracterizado pela utilização da violência física ou psicológica com atos de intimidação, humilhação ou discriminação. Poderá ser, ainda, caracterizada pela prática de:

- I - ataques físicos;
- II - insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - ameaças por quaisquer meios;
- V - grafites depreciativos;
- VI - expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias.

Procurando ser mais detalhista nas ações praticadas pela “intimidação sistemática”, a lei destaca como prática:

- I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;
- II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;
- III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;
- IV - social: ignorar, isolar e excluir;
- V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;
- VI - físico: socar, chutar, bater;
- VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;
- VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

Dando um entendimento ao *bullying*, caracterizando suas práticas e detalhando-as, os objetivos do Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) são:

- I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (*bullying*) em toda a sociedade;
- II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;
- III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;
- IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;
- V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;
- VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;
- VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;
- VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil;
- IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (*bullying*), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

A Lei nº 13.185/15 também tratou do *cyberbullying* no parágrafo único do art. 2º, ao ressaltar que haverá *bullying* na internet quando depreciar a vítima, incitar a violência ou adulterar fotos e dados pessoais, com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial contra ela.

2.2.2. A PESQUISA

A violência escolar no Brasil é um tema preocupante para as autoridades públicas. Com o intuito de conhecer sobre a violência, a primeira Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, realizada em 2009 com 60.973 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de 1.453 escolas públicas e privadas, representativa das 26 capitais brasileiras e do Distrito Federal, apontou que 5,4% dos estudantes relataram ter sofrido *bullying* quase sempre ou sempre nos últimos 30 dias. Em 2012, uma nova edição da pesquisa, com uma amostra de 109.104 estudantes de 2.842 escolas públicas e privadas, mostrou 7,2% de prevalência do *bullying* nas capitais, apontando o crescimento dessa prática de violência. Já em 2015, com uma nova edição da pesquisa, com uma amostra de 113.227 estudantes de 3.420 escolas públicas e privadas, mostrou 7,4% de prevalência do *bullying* nas capitais, apontando o crescimento dessa prática de violência.

Tabela 3. *Bullying* entre alunos do 9º ano. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. 2009, 2012 e 2015

Localidade	%		
	2009	2012	2015
Brasil	5,4	7,2	7,4
Porto Velho	4,1	5,1	7
Rio Branco	5,8	8,2	8,2
Manaus	4,8	5	7,8
Boa Vista	6,5	6,8	7,3
Belém	4,2	4,7	4,9
Macapá	4,5	6,4	6,9
Palmas	3,5	6,6	6,5
São Luís	4,8	5,3	6,3
Teresina	4,8	5	5,5
Fortaleza	4,8	6,4	6,8
Natal	4,2	6,4	5,4
João Pessoa	5,5	6,2	5,5
Recife	5,7	6,9	6,7
Maceió	5,3	5,1	5,7
Aracaju	4,6	5,6	6,5
Salvador	4,2	6,9	4,9
Belo Horizonte	6,9	7,6	7,6
Vitória	5,6	8,1	6,8
Rio de	5,6	6,2	6,1

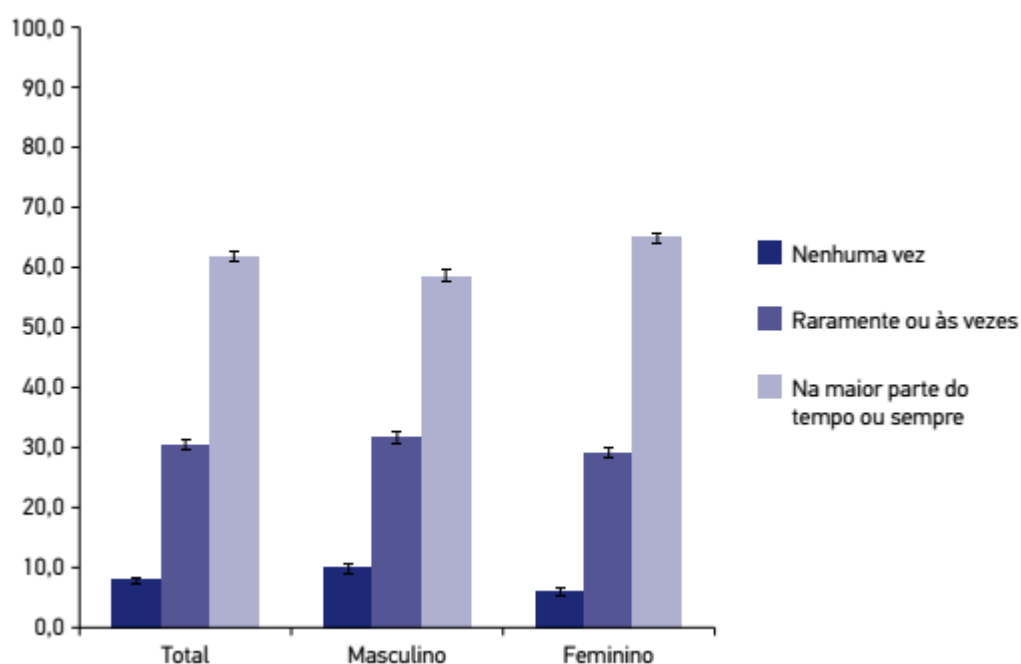
Janeiro			
São Paulo	5,6	8	7,9
Curitiba	5,7	7,1	6,5
Florianópolis	4,5	4,9	4,4
Porto Alegre	4,7	4,9	5,3
Campo Grande	5,4	7,2	7,9
Cuiabá	4,4	6,1	8,3
Goiânia	5,6	6,9	7,6
Distrito Federal	6,5	7	6,7

Fonte: Elaboração própria a partir de Mello *et al* (2018, p. 6).

Na tabela acima temos as três pesquisas e o relato de sofrer *bullying* dos alunos do 9º ano das capitais brasileiras cresceu de 5,4%, em 2009, para 7,2%, em 2012, e 7,4%, em 2015, obteve no período um crescimento de 37%. As seguintes capitais apresentaram aumento estatisticamente significativo no período: Porto Velho, Manaus, Macapá, Palmas, São Paulo e Cuiabá.

Com relação tratar bem ou não e ser prestativo ou não com os colegas, o Gráfico 1 mostra a frequência sobre isso: entre os estudantes do 9º ano, em 2015, foram prestativos na maior parte das vezes em 61,2% dos casos, raramente em 30,3% e nenhuma vez em 7,8%. As meninas relataram terem sido bem tratadas com maior frequência que os meninos.

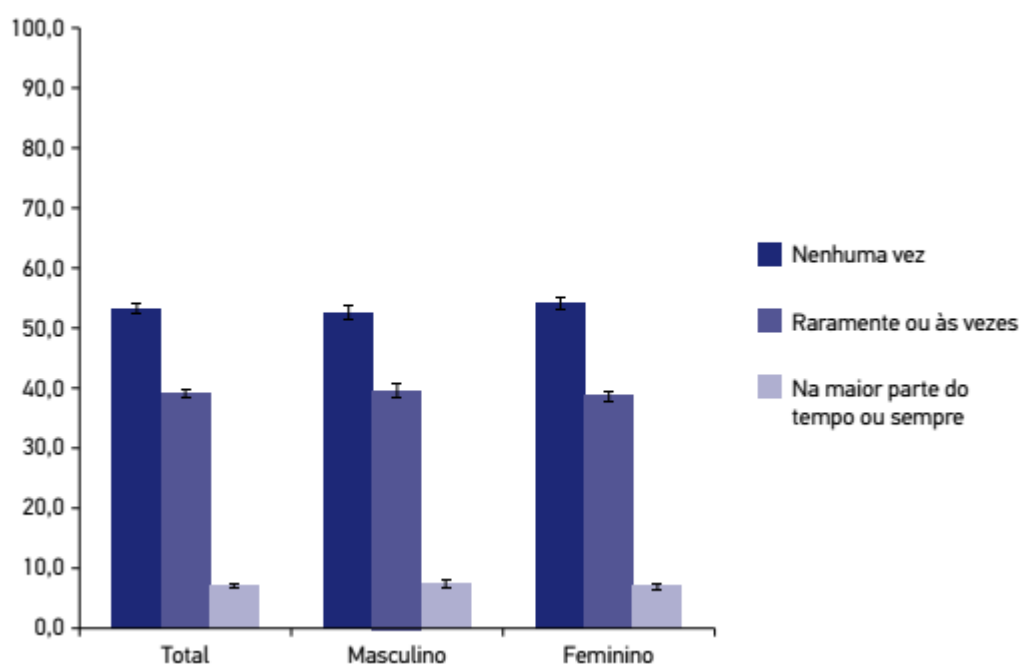
Gráfico 1. Frequência de alunos do 9º ano que trataram bem e/ou foram prestativos aos colegas. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. 2015



Fonte: Mello *et al* (2018, p. 7).

Já o Gráfico 2 mostra a frequência com que os alunos do 9º ano se sentiram humilhados por provocações de colegas ou que relataram ter sofrido *bullying*. Nas escolas do Brasil, esse relato foi semelhante para ambos os sexos, totalizando 7,4% dos casos.

Gráfico 2. Frequência de alunos do 9º ano que se sentiram humilhados ou sofreram *bullying*. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. 2015



Fonte: Mello *et al* (2018, p. 7).

Na Tabela 4, em 2015, ter sofrido *bullying* praticado pelos colegas da escola entre os alunos do 9º ano, houve pequena diferença quando olhamos para a variável sexo: masculino com 7,6% e feminino com 7,2%, uma diferença de 0,4%. A média nacional foi de 7,4%, para ambos os sexos, os Estados do Piauí, Pará, Santa Catarina, Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe estão abaixo da média, por outro lado os Estados do Paraná e São Paulo estão acima da média. Entre as meninas, os Estados com prevalências mais elevadas foram Paraná e São Paulo, com, respectivamente, 9,5% e 9,2%. Entre meninos, o Estado com prevalência mais elevada foi Mato Grosso do Sul, com 9,8%. As frequências entre escolas públicas e privadas foram, respectivamente, 7,6% e 6,5%, ou seja, nas públicas se pratica mais *bullying* que nas particulares.

Tabela 4. Frequência de sofrer *bullying* em escolares do 9º ano, Brasil, grandes regiões e Estados. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. 2015

Localidade	Sexo		Escola	
	Masculino	Feminino	Pública	Privada
Brasil	7,6	7,2	7,6	6,5
Rondônia	6,8	5,4	6	7,4
Acre	8,9	8,4	8,7	8,2
Amazonas	7,8	7,0	7,3	8,3
Roraima	6,8	8,4	7,4	10
Pará	5,1	5,1	5,0	6,4
Amapá	6,8	6,2	6,3	8,6
Tocantins	6,9	6,4	6,8	4,2
Maranhão	6,9	6,7	6,6	9,2
Piauí	5,0	4,5	4,5	6,5
Ceará	7,5	5,2	6,1	7,9
Rio Grande do Norte	6,0	4,7	5,0	6,8
Paraíba	7,4	5,8	6,4	7,2
Pernambuco	8,8	6,1	7,4	7,5
Alagoas	5,7	5,2	5,1	7
Sergipe	6,4	5,8	6	6,3
Bahia	7,4	5,8	6,5	6,4
Minas Gerais	8,3	7,3	7,9	6,1
Espírito Santo	7,6	7,1	7,7	5,0
Rio de Janeiro	6,7	7,8	7,4	6,8
São Paulo	8,8	9,2	9,7	5,3
Paraná	8,1	9,5	9,1	7
Santa Catarina	5,1	5,3	5,0	6,8
Rio Grande do Sul	5,8	6,7	6,2	7,3
Mato Grosso do Sul	9,8	7,0	8,4	7,7
Mato Grosso	8,2	8,6	8,5	7
Goiás	8,9	7,6	8,5	6,8
Distrito Federal	7,4	6,1	6,9	6,1

Fonte: Elaboração própria a partir de Mello *et al* (2018, p. 9).

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, entre 2009 e 2015, apontou aumento de 37,0% da prevalência de sofrer *bullying* em alunos do 9º ano das capitais brasileiras. Em 2015, 7,4% dos alunos relataram sofrer *bullying*. Os Estados de São Paulo e do Paraná tiveram prevalências mais elevadas. Meninos, em geral,

relataram que sofrem mais *bullying* que as meninas. Nas escolas públicas, a prática foi mais relatada, mas também vamos ter um percentual alto para as escolas privadas.

As três edições da pesquisa mostraram que o fenômeno do *bullying* persiste no país crescentemente. É sabido, que o *bullying* pode ocorrer em diversos espaços da sociedade, mas é na escola a sua maior expressão. O *bullying* é uma forma de preconceito, intolerância, negação da diversidade, e vale a pena notar que a pesquisa mostra o quanto ele vem crescendo no entre os jovens.

2.3 DE *COLUMBINE* (EUA) A SUZANO (BRASIL): REFLEXO DO *BULLYING*

O psiquiatra Timoty Brewerton, que tratou e acompanhou alguns sobreviventes do massacre de *Columbine*, disse que dos 66 ataques que ocorreram em escolas, entre 1966 a 2011, em 87,0% o agressor sofria *bullying* no ambiente escolar. Disse ele: "O *bullying* pode ser considerado a chave para entender o problema e um enorme fator de risco, mas outras características são importantes, como tendências suicidas, problemas mentais e acessos de ira. Não acredito em um estereótipo ou perfil para um assassino potencial nas escolas" (G1, 2011).

Ouvimos muito sobre ataques às escolas nos Estados Unidos - EUA, o mais conhecido foi o massacre de *Columbine*, nos EUA, que ocorreu em 20 de abril de 1999, onde dois estudantes invadiram *Columbine High School* e deixaram um rastro de horror com 13 mortos e 21 feridos. Logo depois, os autores do massacre suicidaram. Como todos os outros, Eric Harris, 18 anos, e Dylan Klebold, 17 anos, pareciam ser dois adolescentes alegres e amigáveis. Meses antes de acontecer o ataque, Eric e Dylan já planejavam os detalhes para nada sair errado, os dois compraram armas, incluindo automáticas, para execução do plano (WIKIPEDIA). Na figura abaixo os autores do massacre estão no refeitório da escola com armas em punho.

Figura 5. Eric Harris e Dylan Klebold armados no refeitório da *Columbine High School*



No Brasil essa prática que até então não costumava acontecer, não só passou a acontecer como também vem ocorrendo

Fonte: Disponível em: <<https://is.gd/ADAAvI>>. Acesso em: 03 set. 2019.

com certa frequência, sendo os massacres de Realengo (RJ), em 2011, e Suzano (SP), em 2019.

Em abril de 2011 aconteceu um dos ataques às escolas que levantou as discussões sobre a violência no interior da escola. O ex-aluno Wellington Menezes de Oliveira, 23 anos, entrou na Escola Municipal Tasso da Silveira, Realengo (RJ), invadiu uma sala e atirou, matando 04 estudantes. Seguidamente, adentrou em uma outra sala e fez mais disparos, matando mais 08 crianças. Logo após, ele se suicidou. A polícia carioca, em suas investigações, encontrou, uma série de vídeos, deixando a entender que Wellington planejou todo o crime (WIKIPEDIA). Rodrigues (2015, p. 19) destaca um trecho de uma das cartas escritas por Wellington:

[...] a maioria das pessoas me desrespeitam (sic), acham que sou um idiota, se aproveitam da minha bondade, me julgam antecipadamente. São falsas, desleais. Descobrirão quem eu sou da maneira mais radical numa ação que farei pelos meus semelhantes.

O *bullying* que sofreu na escola, foi o catalisador dos ataques a Escola Municipal Tasso da Silveira. As Figuras 6 e 7 mostram a frente da escola no

momento do ataque e as estátuas Anjos da Paz, que homenageia às vítimas do massacre.

Figura 6. Massacre de Realengo, RJ, deixou 12 mortos em 2011



Fonte: Disponível em: <<https://is.gd/DxGumt>>. Acesso em: 03 set. 2019.

Figura 7. Anjos da Paz, estátuas em homenagem às vítimas do massacre de Realengo (RJ)



Fonte: Disponível em: <<https://is.gd/30K5Dc>>. Acesso em: 03 set. 2019.

Em março de 2019 aconteceu um dos ataques às escolas que levantou novamente as discussões sobre a violência no seio da escola. Os ex-alunos Guilherme Tauci Monteiro, 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, 25 anos, entraram na Escola Estadual Professor Raul Brasil, Suzano (SP) e mataram 05 estudantes e duas funcionárias. Em seguida, suicidaram. A polícia paulista, em suas investigações, achou indícios de que eles planejaram o ataque e a motivação estava relacionada com *bullying*, isolamento social e o desejo de superar o massacre de *Columbine*, nos EUA (WIKIPEDIA). As Figuras 8 e 9 mostram a movimentação na frente da escola no momento do ataque e a frente da faixa pintada pós ataque.

Figura 8. Mobilização em torno da escola de Suzano após o atentado que matou cinco estudantes e duas funcionárias



Fonte: Disponível em: <<https://is.gd/TN3edN>>. Acesso em: 03 set. 2019.

Figura 9. Fachada da Escola Raul Brasil tem cores novas após massacre



Fonte: Disponível em: <<https://is.gd/d8Y4fX>>. Acesso em: 03 set. 2019.

Fechamos este capítulo destacando que a violência escolar pode ser entendida a partir das relações sociais que ocorrem nas interações entre as pessoas, pois são essas relações que podem confluír na formação da violência. Pensando assim, a escola não é apenas considerada o espaço onde acontece

violência, mas geralmente um meio de fortalecer a violência (PRIOTTO; BONETI, 2009).

CAPÍTULO 3

RESULTADOS E DISCUSSÕES: CONVIVÊNCIAS, SUJEITOS E VIOLÊNCIAS NOS COTIDIANOS ESCOLARES

Antes de entrarmos na apresentação dos dados e de suas discussões é importante resgatarmos o nosso problema de pesquisa e os objetivos do trabalho. O problema de pesquisa pode ser apresentado com a seguinte questão: Qual o lugar da escola e da educação na constituição de vida dos seus sujeitos praticantes e quais tipos de violências são mais frequentes nesse *espaço/tempo*? Esta questão nos levou à elaboração dos objetivos da pesquisa. O objetivo geral é analisar as situações de violências que perpassam o cotidiano escolar, pelas histórias de vidas dos sujeitos praticantes da comunidade; buscando junto a esses sujeitos outras produções e modos de frequentar e experimentar esse cotidiano. Já os objetivos específicos são:

- i. Diagnosticar as violências que perpassam o cotidiano escolar.
- ii. Conhecer as histórias de vida dos sujeitos que praticam ou já praticaram violências na escola ou na comunidade.
- iii. Compreender a partir das narrativas dos sujeitos praticantes da escola, o lugar ocupado por esta, nas suas vidas e na comunidade.
- iv. Entender por quais pensamentos são movidos os educadores da escola em relação aos alunos que cometem algum tipo de infração dentro da escola e seus conceitos de violências no contexto escolar.

O presente capítulo busca: i) trazer algumas referências da prática da pesquisa com os cotidianos e ii) apresentar e discutir as informações da pesquisa de campo.

3.1 PESQUISA COM OS COTIDIANOS

O presente trabalho foi conduzido através da utilização do método qualitativo com uso da pesquisa com os cotidianos das escolas (SEPULVEDA e ALMEIDA, 2016; FERRAÇO, 2007). Antes de introduzirmos nas discussões sobre a temática é preciso, inicialmente, ver como o nosso dicionário de língua portuguesa define cotidiano. Para isto recorreremos ao Dicionário Houaiss, para quem o cotidiano é:

[...] ou **quotidiano 1** que é comum a todos os dias; diário 2 *p. ext* que é comum; banal 3 conjunto de ações realizadas por alguém todos os dias 4 dia a dia (HOUAISS, 2009, p. 268).

A definição oferecida pelo Dicionário Houaiss é simples e está associada ao habitual que atinge todo comportamento societal de um determinado grupo. Assim, aqui tomaremos como base os ensinamentos de Carlos Eduardo Ferraço e outros, para quem refletir a violência escolar exige transitar pelo seu cotidiano para apreender as nuances da violência praticada pelos seus sujeitos (FERRAÇO, 2007).

A pesquisa com os cotidianos, que, no Brasil, há mais de 20 anos, vêm se consolidando na Educação e segue os ensinamentos de Michel de Certeau no livro “A invenção do cotidiano: artes de fazer”, com foco nas práticas cotidianas de seus sujeitos e suas criações. De acordo com Rezende *et al* (2016, p. 315), esse tipo de pesquisa oferece ao pesquisador “[...] a possibilidade primorosa e mais do que legítima e necessária de pesquisarmos nossa prática e os praticantes que (con)vivem, habitam e (re)inventam nossos cotidianos [...]”. Noutras palavras, é necessário adentrar nesse *espaçopraticado* para sentir a energia que erradia da convivência entre os sujeitos (PAIS, 2003).

A pesquisa com os cotidianos não foca na frieza dos números, mas sim na quentura dos sujeitos praticantes do cotidiano escolar. Esses sujeitos são todos aqueles que deixam seus rastros nesse cotidiano, podem ser: os alunos e os professores (FERRAÇO, 2007). Ainda sobre a quentura dos sujeitos, Sepulveda e Almeida (2016) destacam que

[...] são as ações dos praticantes que são apreciadas como dados importantes, pois são elas impregnadas das subjetividades dos pesquisadores e dos próprios sujeitos que possibilitam as leituras dos dados. Sendo assim, todos os elementos da realidade valem e não são selecionados a priori (p. 158).

Então, os acontecimentos dos sujeitos são importantes para interpretação de seus modos de agir, pensar, falar, etc. Para isso, temos que entrar na realidade cotidiana (ALVES, 2008) e não ficar somente na superficialidade dos acontecimentos. Pensar a violência na escola implica, então, buscarmos conhecer

as “[...] redes de *fazeressaberes* tecidas pelos sujeitos cotidianos” (FERRAÇO, 2007, p. 77).

3.2 RELATOS DE CAMPO

No início da escrita da presente Dissertação, minha orientadora deu a ideia para uma pesquisa mais aprofundada. Com isso, sugeriu e intermediou junto uma escola situada dentro de um bairro de periferia no município de Vila Velha, uma pesquisa de campo, onde seria possível observar a rotina dos alunos na presente escola, professores e aprofundar a pesquisa de campo no cotidiano escolar com os alunos.

Pois bem! Seria imperioso não destacar inicialmente, que ao iniciar a pesquisa de campo na escola, fiquei de fato surpreendido com coisas que presenciei e pude ouvir de alunos e professores, após rodas de conversas para aprimoramento da presente pesquisa.

Insta destacar, que conforme já narrado, a escola onde ocorreu a pesquisa de campo, fica localizada em um bairro de periferia, onde impera a lei do tráfico e cujo as redondezas, são palcos de inúmeros conflitos armados, motivados por guerras travadas por grupos que tentam dominar o tráfico na região.

Minha pesquisa de campo, ocorria geralmente no período matutino, sendo que por duas vezes, fui até a escola no período noturno, onde pude observar um mundo totalmente paralelo. Explico.

No período da manhã, ao observar os alunos chegarem a escola para iniciar os estudos, vi inúmeros pais levando seus filhos para a escola, inclusive pais estes, que acredito serem de bom poder aquisitivo, uma vez que alguns chegavam em veículos caros, enquanto que as maiorias chegavam sozinhos ou acompanhados dos pais em carros mais humildes, bicicletas e a maioria a pé mesmo.

Ao adentrar na escola pela primeira vez, procurei a direção da escola para informar da minha pesquisa, que já havia sido comunicada pela minha orientadora a direção, sendo recebido pela pedagoga, que me recebeu muito bem, me apresentou a escola e conversou comigo sobre a rotina na escola, projetos sociais e também a alguns professores, que de imediato, se disponibilizaram e prontificaram a conversarem comigo sobre a rotina na escola.

Após algumas visitas na escola para ver o dia a dia dos alunos, suas rotinas, seja no horário de entrada, recreio ou saída, a pedagoga de forma muito solícita, deu a ideia que eu tivesse uma roda de conversa com os líderes das turmas do horário da manhã, se disponibilizando a buscar os alunos nas salas em que estudavam, para assim, aprimorar ainda mais a pesquisa.

Após o recreio, a pedagoga, buscou em sala de aula, os alunos líderes das turmas da oitava série ao terceiro ano, cujo o nome dos mesmos, serão preservados, bem como da pedagoga, diretores e nome da escola, sendo eles: a líder da turma do oitavo ano com 14 anos, a líder da turma do nono ano com 15 anos, o líder da turma do 1º ano com 15 anos, a líder da turma com 17 anos e o terceiro ano é formado por duas turmas, sendo a turma “a” com líder de turma com 18 anos e vice líder com 17 anos, e a turma do terceiro ano “b” e a líder de turma com 18 anos.

Como é possível observar, a maioria dos líderes de turmas, são compostos em sua maioria por alunas e ao perguntar como ocorreu a eleição, fui informado que por votação da maioria de cada sala.

Logo no início, pude observar que boa parte das líderes e vice líderes estavam um pouco perdidos, sem saber ao certo o que ali estavam fazendo, enquanto que outros, demonstravam felicidade apenas por estarem fora de sala de aula, não impostando ao certo interesse em saber o que ali faziam. Necessário frisar, que as rodas de conversa ocorreram na biblioteca.

Após me apresentar e solicitar informações dos nomes e idade dos alunos bem como série e também cargo de liderança que ocupam, informei aos mesmos os motivos que me faziam ali estar presente e relatar sobre a pesquisa, momento em que algo interessante surgiu, que é o interesse dos alunos em saber mais sobre o Mestrado, sendo informado pela maioria que estes, já sabiam dos planos de estudos após a conclusão do ensino médio, momento em que boa parte informou que tentariam ingressar em universidades públicas e apenas dois, informaram que após a conclusão, iriam tentar cursos técnicos para ingressar no mercado de trabalho e somente após, tentariam vagas em cursos superiores.

Durante as conversas, procurei buscar informações sobre histórias de violência na escola presenciadas pelos alunos, porém, algo surpreendente ocorreu. Embora a escola fique localizada em um bairro de periferia no município de Vila Velha, são poucos os casos de violência presenciados pelos mesmos, o que ao meu ver, foi uma ótima notícia.

Embora a escola não tenha muitos relatos de violências, inúmeros colegas relataram algo preocupante dentro da escola, que era justamente o furto de aparelhos de celulares e embora maior parte dos aparelhos foram devolvidos ou encontrados de forma misteriosas em banheiros ou em cantos de salas de aula, pude observar entre os alunos, principalmente os que já estavam para terminar o ensino média, a maioria ali estudavam na referida escola desde o início do ensino fundamental, estudando até o final para conclusão do ensino médio.

Após os alunos já estarem mais soltos e mais participativos na roda de conversas, tentei deixar que os mesmos conversarem entre si sobre casos de violência presenciados pelo mesmos, me tornando assim um mero telespectador, escutando e ouvindo suas histórias que embora não relatam muitos casos de violência, surgiu um assunto que ao meu ver, era extremamente grave e assustador.

Os alunos do ensino médio, passaram a falar do caso de alguns alunos do ensino fundamental que formaram um pequeno grupo não somente para assediar alunas mulheres também do ensino fundamental, mas alguns chegavam e

encurrular meninas em um canto, de forma isolada e assim passarem as mãos em suas partes íntimas. Ao perguntar aos alunos se alguma providência foi tomada para evitar novos casos de abuso sexual dentro da escola, os mesmos me informaram que não sabiam muito o que ocorreu, mas sabiam que os abusos pararam e que os alunos não foram expulsos, o que me motivou a conversar com a pedagoga sobre esse grupo de alunos que estavam abusando de alunas dentro dos limites da escola.

Em conversa com a pedagoga fora da presença dos alunos, a mesma me informou que logo que tomou conhecimento dos abusos sexuais praticados por alguns alunos, convocou os pais dos mesmos, bem como o conselho tutelar e escola tentou expulsar os referidos alunos, porém, o próprio conselho solicitou que os mesmos não fossem expulsos ou transferidos, devendo os mesmos serem acompanhados por pessoas qualificadas, buscando assim a raiz do problema e também uma solução. Ao final da história, a pedagoga me relatou que os alunos não foram de fato expulsos, porém, após intervenção do conselho tutelar e de um acompanhamento com os mesmos, os abusos cessaram e não mais a direção da escola teve conhecimento de novos abusos, e os alunos que comigo conversaram, também informaram que não souberam de novos casos dentro da escola.

Após novas conversas com os alunos líderes de salas, os mesmos já estavam mais dinâmicos e comunicativos, conversando sobre perspectivas de vida, sonhos, metas e histórias vividas dentro dos limites da escola que ocorreu a pesquisa de campo, motivo pelo qual, confesso que fiquei surpreendido com os relatos.

De fato, existem sim alguns casos de violência dentro da escola, mas esses fatos, são mais casos isolados, sendo que a maioria das poucas brigas que os alunos relataram, não se deram em virtude de guerra de tráfico, bairros rivais nem nada disso, mas sim em virtude de relacionamento amorosos entre os próprios alunos, como aluno que cantavam aluna que tinha namorado, ou vice e versa e em resumo, briguinhas por problemas amorosos na adolescência, porém, com uma intervenção rápida da direção da escola, motivo pelo qual, pude observar um

ambiente pacífico e sereno dentro dos limites da escola, ao contrário do ambiente hostil que pensava que iria presenciar.

Fato outro curioso que me chamou atenção nas visitas a escola no período da manhã, era justamente no recreio e intervalos de aulas quando estavam vagas. Principalmente no horário do recreio, pude observar no pátio da escola, inúmeras rodas de alunos espalhadas, com alunos sentados em rodas no chão e para minha surpresa, com cadernos e livros nas mãos estudando em horário até então livres. Evitei ficar muito próximo nesse momento, para não inibir ou prejudicar os estudos dos alunos, porém, vira e mexe algum vinha falar comigo, perguntando o motivo das minhas visitas a escola e quando eu respondia, alguns até me chamaram de professor tendo um que me surpreendeu com os seguintes dizeres: *Ei! Vai perder seu tempo. Aqui não acontece nada de interessante. É uma monotonia só...*

Impossível não dizer que isso me causou imensa alegria, uma vez que ao realizar uma pesquisa de campo em uma escola pública estadual de periferia, cujo os bairros vizinhos estavam em plena guerra pelo controle do tráfico de entorpecentes e a escola se manter um lugar de estudo e calma, onde os problemas externos, não ingressavam para dentro dos muros da escola, é sim um justo motivo para se motivar e alegrar.

Como pude presenciar um ambiente pacífico na escola pela parte da manhã, resolvi visitar a escola no horário noturno para saber se era semelhante ao da manhã ou diferente e a surpresa não foi outra. Era sim um pouco diferente. Embora não tenha entrado na escola no período noturno, visitei a frente da mesma e lá observei o horário de entrada dos alunos e também o intervalo.

Ao cair da noite, a escola fica escura, sendo ainda um ambiente mais hostil, e embora não tenha presenciado casos de violências, conversei com vendedores ambulantes que ficam ao redor da escola sobre a rotina da mesma. Logo, em um churrasquinho, um vendedor me disse que ali a noite, embora não tenha muitos casos de violência na frente da própria escola, ele já presenciou inúmeras brigas e

acertos de contas entre alunos e não alunos, que nas redondezas da escola, acabam por travarem brigas e inclusive homicídios.

Embora os alunos que ali estudam no período noturno em sua maioria alunos já adultos, com profissões ou pessoas mais velhas, pode perceber que parte desses alunos são jovens também, e embora seja uma miscigenação entre alunos jovens, adultos ou até mesmo idosos, todos tem um objetivo em comum: estudar, se aprimorar, adquirir conhecimento e assim, buscar uma vida melhor não somente para si, mas também para seus familiares.


3.3 PLANO DE AÇÃO: “EM UM MUNDO MELHOR”

A referência que temos da violência é que ela é sempre associada com à criminalidade e a agressão física. Todavia, Candau (2012) chama atenção de que “a violência não pode ser reduzida ao plano físico, mas abarca o psíquico e moral [...] o que especifica a violência é o desrespeito, a coisificação, a negação do outro, a violação dos direitos humanos” (p. 140). Existem vários tipos de violência e ela está por todos os lugares da sociedade. Existem muitos fatores que podem causar a violência, que afeta diretamente os adolescentes. Um desses fatores é a falta de diálogo e a dificuldade de construir relacionamentos é a principal causa da violência entre os adolescentes.

Este plano de ação tem dois objetivos, que são: i) aumentar a conscientização dos alunos sobre a violência escolar e o *bullying* e ii) oferecer aos alunos conhecimentos para que possam superar possíveis conflitos no ambiente escolar.

O ponto de partida para atingir os objetivos supracitados é com a exibição do filme “Em um mundo melhor”, dirigido por Susanne Brier. O filme trata com maestria a violência escolar e o *bullying*. Também vamos encontrar nele temas que afetam a natureza humana, como: xenofobia, tolerância, separação, a dor de um filho após a perda da mãe, a falta de diálogo familiar, uso de internet pelas crianças sem o cuidado de um adulto, etc.

Quadro 3. Informações do filme Em um mundo melhor. 2010

	Título no Brasil	Em um mundo melhor
	Título original	Haevnen
	Ano lançamento	2010
	Gênero	Drama
	País de origem	Dinamarca/Suécia
	Duração	113 min.
	Classificação	12 anos
	Direção	Susanne Brier
Anton é um médico que sempre viaja entre sua casa, na Dinamarca, e um campo de refugiados na África. Seu casamento está em crise e seu filho Elias é alvo de <i>bullying</i> na escola. Outro garoto, que acaba de perder sua mãe, se muda para a cidade e faz amizade com Elias para dar alívio ao pai e ao filho. Mas depois de um ato irresponsável, a tragédia ameaça.		

Fonte: Disponível em: <<https://is.gd/evWaZU>>. Acesso em: 03 set. 2019.

"Em um mundo melhor" é um filme

instigante e interessante que aborda a questão da violência no mundo atual e nos faz pensar sobre as diferentes formas de lidar com ela a partir de diversos pontos de vista. o filme não oferece solução fácil. O expectador é convidado a refletir e a tirar as suas próprias conclusões, buscando quem sabe chegar de fato a um mundo melhor (ISOLAN, 2012).

A proposta pedagógica é empoderar os participantes com conhecimentos e conscientizá-los de que a violência na escola não faz bem para ninguém. Todos sofrem com ela. Assim, a ideia é buscar coletivamente alternativas que possam levar para dentro da escola a cultura de paz.

Algumas características do plano de ação: i) Tipo de evento: ciclo de debates, ii) Abrangência: local, iii) Período de Realização: fevereiro de 2020, iv) Local de realização: Escola, v) Número de vagas: ilimitado e vi) Metodologia: após exibição do filme será realizado uma roda de conversa para refletirmos as seguintes questões: a) vale a pena a vingança? e b) como ser forte sem ser violento?

Fechamos este capítulo ressaltando que a interação com a literatura aprendi que precisamos adentrar na escola para melhor compreendê-la. Alves e Garcia (2000, p. 12) expressam tal sentimento dizendo que “muito se fala sobre escola, de

fora da escola, de longe da escola, muitas vezes a partir de um absoluto desconhecimento em relação ao que acontece dentro da escola a cada dia”. Assim, feito e buscamos conhecer mais a escola para entender o objeto de análise deste estudo!

CONCLUSÃO

A interação com a literatura aprendi que precisamos adentrar na escola para melhor compreendê-la. Alves e Garcia (2000, p. 12) expressam tal sentimento dizendo que “muito se fala sobre escola, de fora da escola, de longe da escola, muitas vezes a partir de um absoluto desconhecimento em relação ao que acontece dentro da escola a cada dia”. Assim, feito e buscamos conhecer mais a escola para entender o objeto de análise deste estudo!

Esta Dissertação tratou das convivências, sujeitos e violências nos cotidianos escolares, tema que vem ganhado o interesse das Ciências Humanas para entender o fenômeno da violência. Dentre os muitos estudiosos que se dedicam/dedicaram ao tema, a maioria procurou estudá-lo relacionando com o *bullying*. O objetivo desta Dissertação é contribuir para o desenvolvimento de pesquisas empíricas e incentivar outros pesquisadores que pretendem ‘navegar’ por esse tema da família.

Este estudo partiu da indagação sobre qual o lugar da escola e da educação na constituição de vida dos seus sujeitos praticantes e quais tipos de violências são mais frequentes nesse *espaço/tempo*?

As minhas conversas com os alunos foram boas e interativas. Procurei sempre deixá-los à vontade para que eles sentissem segurança para conversar sobre o tema pesquisado. Nessas conversas os alunos revelaram que na escola EEEFM - Agenor de Souza Leo, localizada em um bairro periférico de Vila Velha (ES), são pouco os casos de violência presenciados por eles. Confesso que achei pouco estranho não terem muitos relatos de violência, pois também estudei boa parte da minha infância em escola pública de periferia, e na minha época, inúmeros foram os casos de brigas, violências com armas de fogo e inclusive há época. Inclusive tive alguns colegas assassinados ou baleados em virtudes de brigas em bailes funks ou até mesmo colegas que ingressaram no tráfico, tendo suas vidas ceifadas ou até mesmo alguns que sofreram sequelas irreversíveis, mas o foco da pesquisa, é a conversa com os alunos, motivo pelo qual não poderei me aprofundar sobre os casos de violência que presenciei em minha infância.

Todavia, os alunos disseram que é muito comum furto de aparelhos de celulares, mas a maioria deles é devolvido de maneira misteriosa, ou seja, é deixado em algum lugar da escola, por exemplo, nos banheiros. Um outro fato que também chamou atenção foi quando os alunos disseram que um grupo de alunos foi formado para assediar meninas. Seja o roubo ou o assédio são forma de violência que afetam as vidas das pessoas deixando marcas que muitas vezes ficam para sempre.

Diante do exposto, conseguimos atingir o nosso problema de pesquisa mostrando que a escola é uma instituição que possui um papel importantíssimo na constituição de vida dos sujeitos, pois ela age na transformação de suas vidas dando-lhes capital necessário para se conviver em sociedade. Também conseguimos apreender algumas violências que perpassam pela escola. Assim, todos os nossos objetivos foram contemplados com as discussões expostas ao longo do texto.

Por fim, este trabalho constituiu apenas um aspecto do que pode ser explorado e constatado sobre as convivências, sujeitos e violências nos cotidianos escolares na escola EEEFM – Geraldo da Costa Alves, localizada no município de Vila Velha (ES). Mais esforços teóricos, metodológicos e empíricos são necessários para aprofundar ou levantar indagações sobre as convivências, sujeitos e violências nos cotidianos escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam. 2019. A violência no contexto escolar em 2017. *In: 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/13-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>>. Acesso em: 12 set. 2019.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (orgs.). Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. P.13-37.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (orgs.). 2000. **A invenção da escola a cada dia**. Rio de Janeiro: DP&A.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 28 ago. 2019.

CANARIO, Rui. 2006. **A escola tem futuro? das promessas às incertezas**. Porto Alegre: Artmed.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARLOT, Bernard. 2002. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Revista Sociologias**, ano 4, n. 8, p. 432-443.

CURY, Carlos Roberto Jamil. 2002. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença. **Revista Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 245-262.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G.. 2007. Violência: um problema global de saúde pública. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 11, p. 1163-1178.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. 2007. Pesquisa com cotidiano. **Revista Educação e Sociedade**, vol. 28, n. 98, p. 73-95.

FUSINATO, Claudia Vanielle e KRAMER, Celso. 2013. **A invenção histórica da escola e escolarização no Brasil**. Curitiba: XI Congresso Nacional de Educação.

G1. 2011. **Bullying motivou 87% de ataques em escolas, diz estudo dos EUA**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/04/bullying-motivou-87-de-ataques-em-escolas-diz-estudo-dos-eua.html>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

HOUAISS. 2009. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>>. Acesso em 03 set. 2019.

LIRA, Pablo Silva. (2019). **Geografia do crime: homicídio e aspectos demográficos no Brasil e Estado do Espírito Santo**. Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais.

MELLO, Flávia Carvalho Malta; MALTA, Deborah Carvalho; SANTOS, Maria Goreth; SILVA, Marta Maria Alves e SILVA, Marta Angélica Iossi. 2018. **Evolução do relato de sofrer bullying entre escolares brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - 2009 a 2015**. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 21, supl. 1, p. 1-14.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: SOUSA, Edinilsa Ramos (Org.). **Curso impacto da violência na saúde**. EAD/ENSP, 2013.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2019.

REZENDE, Maria da Glória Pinheiro; SOARES, Eliane de Abreu; OLIVIRA, Inês Barbosa de. 2016. **As pesquisas nos/dos/com os cotidianos nos campos de alimentação, nutrição e saúde**. In: PRADO, SD., et al. orgs. Estudos socioculturais em alimentação e saúde: saberes em rede. [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ.

RODRIGUES, Gilda de Castro. 2012. O bullying nas escolas e o horror a massacres pontuais. **Revista Ponto-e-Vírgula**, n. 11, p. 10-21.

RODRIGUES, Telma da Silva. 2014. **Estratégias para o enfrentamento da violência escolar e bullying entre alunos de sala de recursos e sala de ensino comum**. In <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uem_edespecial_pdp_telma_da_silva_rodrigues.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2020.

SEPULVEDA, Denize e ALMEIDA, Adriana. 2016. Algumas experiências tecidas com as pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas. **Revista Momento**, vol. 25, n. 1, p. 155-186.

SOUZA, João Valdir Alves. 2007. **Introdução à Sociologia da Educação**. SP: Autêntica.

SPOSITO, Marília Pontes. 2002. Percepções sobre jovens nas políticas públicas de redução de violência em meio escolar. **Pro-Posições**, Campinas, vol. 13, n. 3 (39), p. 71-83.

UNICEF. **An Everyday Lesson: #ENDviolence in Schools**. Disponível em: <https://www.unicef.org/publications/index_103153.html>. Acesso em: 03 set. 2019.

WIKIPEDIA. **Massacre de Columbine.** Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Columbine>. Acesso em: 04 set. 2019.

WIKIPEDIA. **Massacre de Realengo.** Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Realengo>. Acesso em: 04 set. 2019.

WIKIPEDIA. **Massacre de Suzano.** Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Suzano#cite_note-ataque_suzano_oglobo-5>. Acesso em: 04 set. 2019.

ZLUHAN, Mara Regina e RAITZ, Tânia Regina. 2014. A educação em direitos humanos para amenizar os conflitos no cotidiano das escolas. **Revista Brasileira de Estudos de Pedagogia**, vol. 95, n. 239, pp.31-54.